

0313
-0. NOV. 1990



NÊSTE NÚMERO:



«Os 70 anos de Churchill documentados pela imagem» e o título de uma larga documentação gráfica que publicamos neste número, nos páginas centrais.



A política da Europa complica-se, à medida que os ocupantes se afastam em direcção à Alemanha. Leia na página 19 um comentário à situação da Bélgica e à política conduzida por Pierlot.



A situação da maioria dos alunos que saem do Conservatório com um diploma da Arte de representar continua, em grande parte, sem solução. Veja, na página 8, o depoimento de Emília Duque.

O Sr. Dr. Júlio Dantas, recentemente reeleito presidente da Academia das Ciências, numa foto especial de Seródio, para «Vida Mundial Ilustrada», fotografado no seu gabinete de trabalho na Biblioteca Pública.

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 187
14 DE DEZEMBRO DE 1944
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Um grande artista português

NO arrolamento dos bens nacionais, de ontem e de hoje, ordenado pela íntegra justiça, imposto pela fé patriótica desassomburada, imparcial, veemente — como o exige o prestígio de Portugal — nas páginas desta Revista averbo uma parcela valiosa da nossa riqueza artística: os trabalhos encantadores de Mestre Lincoln Mendes.

Professor calígrafo, humanista admirável, o ilustre northeno tem prodigalizado o seu talento, em verdadeiros milagres de alucinante beleza, nos quais palpita e vibra a chama irradiante de temperamento lírico, aliado às concepções dum Artista de raça. As suas miniaturas, as suas iluminuras, atraem os olhos, cativam as almas, aprisionam as sensibildades.

Constituindo verdadeira festa visual, pela formosura e pela sumptuosidade colorista, são primores de pericia técnica, de leveza, de finura, de espiritualidade no traço.

Custa a crer como um artista de tão raros dotes, não tenha gozado de retumbante celebridade, não tenha sido ainda apresentado a todas as nações do mundo culto, como lustre e honra da nossa terra.

Pintor de reconhecido mérito, é possível que as suas telas lhe consagrassem o nome, se na sua alma a iluminura não dominasse a pintura. Mas aquela alcançou-o já ao lugar supremo, entre os escultores da Arte, em que Lincoln Mendes venceu a sua forte personalidade.

Sobretudo nas iluminuras de carácter religioso, atingiu perfeição incedível. A sua inspiração ascende à pureza lírica, à candura, à graça, etérea dos assuntos. A composição espontânea, elegante, de bom-gosto, em todas as interpretações, reveste as gamas transcendentais da espiritualidade, sem perder o contacto com os acordos do tom e os deslumbramentos da cor. Cingido no majestoso classicismo que enobrecer a arte da iluminura, na Idade Média, celebrando alguns nomes no reinado de S. Luís, rei de França, e que no século XV teve assinalada réplica em Portugal, em muitos códices, missais, pergaminhos, Livros de Horas — sendo o mais conhecido destes o da rainha D. Leonor, a santa fundadora das Misericórdias — os êxtases de luz reverberam em coloridos estranhos e rutilos que arrebatam os amantes da cor.

Todavia, nos trabalhos de Mestre Lincoln não há cópias servis. Há sempre a renovação estética, sob um aspecto plástico muito pessoal.

Nem recorda orientalismo, nem lembra os canones rígidos das frias estilizações germanizadas. É um humanista português, no fulgor íntimo, na sensibilidade quintessenciada, no meridionalismo vivo da sua mentalidade lustada que exige matizes opulentos, policromia delicada e cintilante. A sua capacidade compreensiva é doce e impetuosa, ao desdobrar-se em expressões luminosas, em cuja transparência se presente qualquer coisa de misterioso e alado, mas tão suave, tão fresca na sua eurtímia, que as epidermes mais susceptíveis não sentem o arrepleo causado por enfiases crômicas.

Trabalhador infatigável, devem-se-lhe obras de muito vulto: diplomas de honra e mensagens; autos de fundação e de inauguração; programas artísticos de máximo valor; escudos e brasões; miniaturas; enriquecimento de livros. Em resumo: as obras de Mestre Lincoln Mendes formam galeria preciosa que poderia figurar num dos contos maravilhosos das «Mil e uma Noites».

A este artista requintado que tem colhido, dos que conhecem os seus trabalhos, aplausos calorosos, louvores fervidos, foi apenas distinguido com Menção Honrosa, na Grande Exposição dos Artistas Portugueses, em 1934. Não me consta que outras homenagens mais expressivas do nosso patriotismo fôsem prestadas a Mestre Lincoln Mendes, a quem o estatário eminente — o imortal Teixeira Lopes — num rasgo de entusiasmo, chamou — seu brilhante camarada.

Antes do encontro!

O leitor que não é desportista há-de supor que essas grandes massas desportivas que se deslocam aos domingos para assistir, no meio duma gritaria de ensurdecer, aos encontros de futebol, são criaturas ávidas de emoção — e cultoras do heilénico desporto. De facto, as competições desportivas no tempo da vigorosa Grécia — desde o lançamento do disco ao pedestrianismo — foram sempre de agrado das multidões. Os ingleses, já nos tempos modernos, deram alma e popularidade a um novo desporto que a Sul-América também praticava: o futebol. O contágio espalhou-se pelo mundo. E hoje não há terra da província, mesmo daquelas que não tenha escola — que não peça um campo de futebol. Pergunta-se: o futebol é de molde a rejuvenescer a raça? Até há pouco, cremos, rejuvenescer bilheteiras e esvasiou as bôlsas a muitos «carolas». Seja como for, o que é indiscutível é que o jogo da bola leva ao entusiasmo verdadeiras multidões. Para se ver três quartos de hora, em cada tempo, vinte e dois cavalheiros, inesteticamente encamisolados aos encontros e ao pontapé a uma bola, chegam a vir, à capital, combóios especiais, com bandeiras, música, foguetes e palmas. Um domingo destes, por exemplo, houve jogo no Campo Grande. Jogavam, segundo percebemos pela conversa de um senhor bem pôsto, cheio de brilhantes, que era o Benfica com os «leões». Benfica com os «leões» — era coisa estranha. Porque Benfica ainda há pouco era uma povoação pequenina, sem nada de importância, já nos arrabalde da cidade; quanto aos «leões»...

Preguntámos, intrigados, a um rapazola alegre que, no eléctrico, berava: «que era mesa limpa», «que não vlam o padeiro» e outros mímosos termos desportivos, só conhecidos da gente que assiste aos encontros.

— Leões? Ora essa! Leões são os corsas...

A nossa atapalhação foi maior ainda. Então, entalados no meio daquele entusiástico público que ainda não vira o jogo e já começara a ferver de entusiasmo, não tivemos outro remédio senão ir também e concordar que aquilo de «corsas» tinha imensa pilhéria, pois fizera um côro de gargalhadas na plataforma. Quando o carro estacou no Lumiar toda aquela massa, engros-

sada e caudalosa, se precipitou a correr para as bilheteiras. Na rua, os contratadores gritavam os últimos bilhetes. Filas intermináveis de automóveis businavam; carroças e camionetas despejavam, continuamente, gente e mais gente. Os vendedores ambulantes eram aos montões. Carroçadas de laranjas e caibazes de bôlos — e ainda dizem que a pastelaria está racionada — tremoços e, sobretudo, muitas bandeirinhas verdes, rubras, a quinze tostões.

Um sujeito gordinho comprou logo para a família toda — êle, mulher e três filhos — cinco bandeirinhas que, imponentes, tremulavam ao vento.

Grupos de rapazes, numa algazarra, gritavam nomes de jogadores. Em grandes bichas, defronte das bilheteiras, a multidão comprimia-se para arranjar bilhetes. Em cavalos, aos pinotes, guardas-republicanos mantinham o respeito, atropelando em nome da ordem. No grande rectângulo vasio palrava uma ansiedade. Bancadas e camarotes, repletos, eram assaltados para ver o espectáculo. No peão, à torreira do sol, havia já um sussurro. Das cabeceiras, gaitas, gatinhas, apitos e assobios punham no ambiente toada de arralal. Nisto, um montão de cabeças voltou-se todo para o mesmo lado. Engalfinhados, aos repêlões, três cavalheiros trocavam insultos e sócos por causas desconhecidas.

Um polícia interveio, de «caceteira», a aplaudir os exhibicionistas do «box», que vêm fazer propaganda para o campo de futebol. Uma telefonista rouquinha tem tocado fados, em discos riscados — e uma voz aguda tem, prudentemente, avisado que as «melhores camisas vendem-se na casa tal», e os «bons fatos são da alfalateria qualquer coisa».

O campo oferecia um aspecto respeitável. Estava completamente cheio, sem um lugar vago. Uma gritaria de ensurdecer veio de milhares de gargantas.

Olhámos, aterrados, para tudo aquilo.

Que seria?

Onze jogadores entravam em campo e faziam a saudação.

O desafio ia começar. Reti-mo-nos. O interesse tinha-se perdido.

Agora, o que reinava era a emoção dos partidários. Quem venceria? Sessenta e dois contos que ficaram nas bilheteiras...

QUINTA-FEIRA, 30, das 12 às 12,30, que foi fazer?...

AOS RESTAURADORES...

À RUA 1.º DE DEZEMBRO

A AVENIDA DA LIBERDADE...

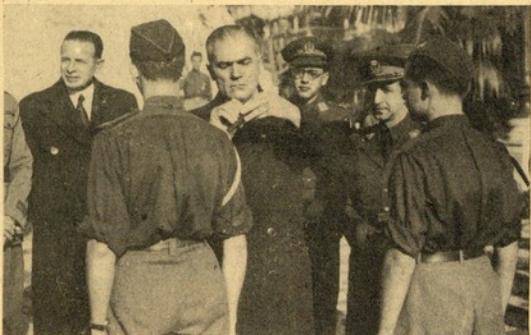


Os nossos sensacionais concursos continuam a sua carreira de êxitos. Hoje, quando o nosso fotógrafo aparece pelas ruas de Lisboa, os que passam já sabem que têm todas as possibilidades de ser os felizes contemplados com bilhetes para os cinemas onde se apresentam os melhores filmes da semana. E p todos os bairros, desde os mais populares aos outros mais ricos, a nossa objectiva irá levar a certeza e a alegria de que alguém irá assistir a um bom espectáculo, com a simples condição: ser apanhado nas nossas fotografias às quintas-feiras, e apresentar-se, na redacção de «Vida Mundial Ilustrada», na segunda-feira, acompanhado do número da revista em que foi assinalada a sua presença. Ser-lhe-á, então, entregue um cartão que, ao ser apresentado na bilheteira do cinema indicado, lhe dará direito a dois ingressos. Quem serão os três contemplados desta semana?

NOTAS RÁPIDAS DA SEMANA



O sr. Raúl Esteves dos Santos fêz, recentemente, no Grupo Desportivo da Fábrica Portuagal, uma conferência a que deu o título de «Uma luz que illumina o mundo» — e que foi atentamente escutada por centenas de convidados e de elementos trabalhadores daquele importante centro comercial e industrial.



A Mocidade Portuguesa festejou o dia 1.º de Dezembro, dia da Restauração, data grande de Portugal e agora destinado às celebrações da juventude nacionalista. Eis o sr. ministro do Interior, quando collocava as divisas a um novo graduado da M. P. A seu lado, o sr. governador civil, Nuno de Brion.



O sr. ministro do Interior tem demonstrado um particular interesse pelas obras de protecção à infância. Ultimamente, foi em visita aos Parques Infantis, superior e inteligentemente dirigidos e concebidos pela sr.ª D. Fernanda de Castro Ferro. A primeira visita foi ao Parque Infantil do Campo Grande, sendo dessa visita o aspecto que damos junto.



Américo Taborida expôs na S. N. B. A. a sua bela colecção de quadros, quasi todos referentes à vida lisboeta, nos seus mais curiosos aspectos, nos seus recantos mais pitorescos. À inauguração do certame, a que nos referiremos, compareceu o sr. general Carmona.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Tódas as donas de casa se queixam de que não há leite. Os jornais proclamam que não há animais que o forneçam, porque o gado não tem que comer. Até certo ponto, concordo que assim seja, visto que o ano vai de seca e basta estar em contacto com as secções da provincia, nos jornais, para logo se compreender que o tempo não vai de feição a farturas. Mas, sendo assim, compreende-se que haja agora tanto leite condensado? Ou o leite não é o mesmo, como diriam os brasileiros — ou o é e, então, temos de concluir que estamos em presença de um verdadeiro conluio de produtores e industriais, uma dessas manobras habilidosas de que o comércio e a indústria se têm servido sempre que os serviços de fiscalização os impedem de ganhar o que não devem.

SEBASTIAO PIRES ANTUNES,
Rua Possidónio da Silva, Lisboa.

FALA-SE ESTA SEMANA

DR. ALMEIDA AMARAL



Realizou-se, recentemente, na Faculdade de Medicina de Lisboa o doutoramento do sr. dr. Manuel de Almeida Amaral, director do Hospital Psiquiátrico da Idanha e da Clínica Neuro-psiquiátrica do Hospital da Marinha. O sr. dr. Almeida Amaral, ex-assistente do Professor Dr. Sobral Cid, estagiário das clínicas de psiquiatria da Alemanha, França e Espanha, autor de numerosos trabalhos da especialidade, viu abrir-se-lhe, em plena mocidade, as portas do triunfo. E já, indiscutivelmente, um nome que «fica». A tese que apresentou ao seu concurso de doutoramento — Tratamento das doenças mentais pela leucotomia pre-frontal — classificada de «revolucionária», constituiu, de certo modo, uma novidade não apenas pela doutrina exposta, mas pelos métodos de exposição — e mereceu a aprovação plena do júri.

O lisboeta e o trânsito

LISBOA está uma cidade estreita, apertada, onde se não dá um passo sem colher um encontro.

Dir-se-lhe que o denso movimento que a povoa lhe pôs um rígido espartilho que sigema a liberdade. E por quê, isto? Há excesso de população?

Há excesso de ociosidade. Tódas as ruas da Baixa servem de soalheiro. Dá a impressão que os passeios não se fizeram para caminhar livremente; assemelham-se a corredores estreitos e ruidosos onde se pode estacionar à vontade, conversando das mais variadas coisas. Conheço dois cavalheiros, ambos graves e circunspectos, que tratam dos negócios passeando no corredor da rua Augusta, lentos e pausados, com o ar sério de senhores daqueles domínios. Pode passar quem passar: um carrinho com bebé, um entrevado na cadeirinha, um aleijado em muletas — eles, porém, é que não arredam pé, nem descongionam o passeio, porque a rua — sabem-no claramente — é bem larga. Se há polícia para regular o trânsito, devia também haver para dirigir os peões.

Em Lisboa não se anda — atropela-se. Se puserem — como já se fez — um letreiro para o ensino do «bem caminhar», poucos o lêem porque, na generalidade, só sabem soletrar...

Veja-se o que acontece na Rua Barros Queiroz. O dístico «siga pela esquerda» só seria acatado se cada pessoa fosse levada pela mão da polícia. Assim, não, cada um segue por onde lhe apetece — e o pior é que há muitos espiritos de contradição que não seguem nem pela esquerda, nem pela direita, e param, com pannes, para estabelecer maior barafunda. O lisboeta é avesso ao cumprimento de qualquer dever. Mesmo se amanhã a polícia quisesse levar a sua frente e mandasse para ali piquetes, armados de senhais para a Mitra, para quem transgredisse, isso só daria resultado nos primeiros dias. O espírito inventivo do homem descobria logo que, para ir para a Rua da Palma, poderia to-

mar outros caminhos — e só quando a rua Barros Queiroz deixasse de estar interdita pela muita, é que ele voltava a trilhá-la. Bem sabemos que esta é uma cidade onde, na verdade, muitas coisas andam ao contrário.

Vá um cavalheiro a Londres, a Paris, a Nova-York, mesmo a Quito, que é no Equador, e veja se encontra, pelos passeios, canastras de peixe à cabeça das varinas, tabuleiros, meninos graciosos de bicicleta, andaimes e toldos à altura do nariz, não contando, claro, com essa interminável gente que anda sempre com malas de viagem, enormíssimas — e que limitam os longos cruzamentos entre a Baixa e o Arco Cego...

Decerto que também — embora isso os penalize — não encontram, como aqui, «tendez-vous» públicos de má-lingua, grupos, grupinhos e grupelhos de meninas, senhoras e senhoritas que, cheias de pressa, só conversam duas e três horas sobre a vida alheia, enquanto o desgraçado que vai aflito, a correr, apertado no horário, tem de meter os pés na rua enlameada só para não incomodar Suas Excelências. Depois, o que contrange é que o lisboeta, sendo inactivo nas suas resoluções, isto é, sendo capaz de desperdiçar um rico quarto de hora a olhar para uma mosca, é impetuoso, dinâmico, quando tem pressa... e se esquece da mosca. Então, senhores, é vós lo correr, girar, suado, bracejando, como se levasse nos bolsos um extintor portátil e fosse apagar um fogo. Ora o que acontece geralmente é que ele que esteve de boca aberta a ver os homens da Câmara a apanhar as ratas nos lagos da Avenida — é o espectáculo mais concorrido que a edilidade tem proporcionado gratuitamente — olha o relógio, acha-se atrasado e desata a correr para recuperar os minutos perdidos. E como vê pelos passeios gente parada a travar-lhe o passo, não pode passar sem dizer, esquecendo-se da sua situação: «Muitos trabalhos há nesta terra».

E há, na verdade.

MANUEL MARTINHO

Os que são do nosso ofício...

RAFAEL FERREIRA

REVIVE MEIO SÉCULO DE VIDA LISBOETA NA SUA VIDA DE JORNALISTA



Rafael Ferreira há mais de meio século que trabalha. Ainda hoje não falta ao serviço do seu jornal.

MAIS de meio século de intenso labutar tem consumido a vida deste simpático Rafael Ferreira, camarada e amigo, que fez do jornalismo o seu sacerdócio. Está aqui à nossa frente, barbeado e fresco, ainda manhá cedo, para nos contar, a traços rápidos, parte da sua vida de jornalista.

Rafael Ferreira, com Manuel das Neves, o velho Salsa, o Cordero do Toré — pertencem hoje ao grupo avançado da velha-guarda jornalística que ainda sabe fazer fogo à banca do jornal. Eduardo Schwalbach, que era acompanhado por Acácio de Paiva — recentemente falecido — pertence, também, a essa geração e conserva hoje os primores de espírito como há quarenta anos atrás... — Comecei a minha vida de jornalista há muitos anos! — diz Rafael Ferreira.

E, com certa saúde no olhar: — Vejo-os a todos caídos, tombados, uns mortos quando a luz do ideal lhes aquecia o olhar, outros vencidos quando a miséria do mundo esfecelava o seu castelo de sonhos... Estou a entrar nos 80 anos! Tenho recebido as provas de maior estima e respeito dos meus colegas, amigos e superiores. Tudo isso gravo no meu peito — e é a melhor recompensa que me podem dar ao cabo de tão longa jornada, considerando-me, precisando de mim...

Rafael Ferreira, emocionado, relembra a festa íntima que todos os colegas de «O Século», jornal onde trabalha desde Silva Graça, lhe fizeram.

— Por que se fez jornalista? — Al está uma pergunta que tenho respondido, gratamente, a mim próprio: «Porque te fizeste jornalista, Rafael Ferreira?». E sabe o que eu me respondo, ao fim de meio século de trabalho? «Se voltasse aos vinte anos, seria novamente jornalista».

— Onde começou a sua vida de repórter? — No «Dia». Era, como sabe, um jornal político onde pontificavam

António Enes, José de Alpoim e Moreira de Almeida. O Enes era um jornalista sereno, reflectido, em cujo rosto poucas vezes aparecia um sorriso. Todavia, era um homem delicado, afável. Escrevia sem uma emenda. Sentava-se à secretária e depois de ver os jornais, de os consultar, fazia o «fundo» calmamente, sem uma rasura. Os adversários temiam-no. Os ataques políticos faziam brado no país. A Câmara tremia, os deputados sentiam a sua frente — e o «Dia» era disputado das mãos dos vendedores.

«José de Alpoim, que tomou depois a direcção do jornal, já tinha um temperamento diferente. Era mais orador que jornalista. Nervoso, agitado, mordiscava as canetas sempre que ia escrever, e não lhe ocorriam os termos com a prontidão desejada. Ninguém podia entrar no gabinete quando escrevia o «fundo». Andava tudo numa roda viva. E até o contínuo, o velho Lopes, homenzinho que se desfazia em cortezias, quando sabia que o doutor estava nervoso, pois passava agitado pelo gabinete, não anunciava ninguém.

— O senhor director está trabalhando em sossego...

«Era um reboliço dos demónios. Mordia nas canetas, empurrava cadeteiras, deixava os jornais para o chão. E o melhor é que o velho Lopes via os jornais no chão e ia, temosamente, pô-los em cima da secretária.

— Ó Lopes eu já li, eu já li, eu já li!

«E a gritaria só acabava quando o contínuo saía, a gaguejar, com medo daquela tempestade.

Com malícia, Rafael Ferreira acrescenta a este episódio:

— E ter-se-ia ainda zangado mais se ele soubesse que os meus saudosos colegas José Maria dos Santos Júnior e Machado Correia tinham ensaiado, entre o pessoal, um hino em que havia alusões às pobres canetas mordidas...

— E o seu sucessor Moreira de Almeida?

— Grande jornalista! Mas era de temperamento diverso. Nessa altura, eu fazia os extractos das sessões da Câmara. Via-me atrapalhado — porque desconhecia o meio. Depois, havia entre os camaradas a preocupação de guardar «caixinhas». Trazia muitos apontamentos — mas Moreira de Almeida dizia logo que aquilo não estava certo. Que o deputado fulano não podia ter dito aquilo, e que o adversário conservador não era homem para dizer aquelas coisas. Eu jurava e trejurava que não me enganava, enquanto o Seixas, meu amigo, ria a bandeiras despregadas com a minha inocência parlamentar. E como o «Dia» era político e eu de política não percebia patavina, dizia Moreira de Almeida que era preciso não cair nos «truques» dos senhores deputados. No dia em que me deram outro serviço senti que era no «Dia» um felizardo...

Rafael Ferreira evoca nomes de grandes valores que passaram por aquele jornal. Jornalistas, literatos e artistas. Depois, quando lhe perguntamos como passou para «O Século», o nosso camarada explica:

— A primeira vez que falei a Silva Graça foi na sua vivenda de Verão, no Pêndão, em Belas. Mandara-me uma carta a convidar-me para entrar para o seu jornal. Fiquei preso da sua conversação — e do encanto do seu trato. Era um homem que se irritava facilmente. Fazia uma gritaria, um berreiro, e podia a pessoa ter razão que ele não interrompia o discurso ou a descompostura. Depois, dizia: «fale, homem!», e quando acabava de ouvir: «tem razão, mas o sermão já está dado». Tenho pela sua memória uma extraordinária gratidão. Nunca o esquecerei...

— E na reportagem? Fêz grandes acatimentos? Quem foram os seus mestres?

Há um pequeno compasso de espera na sua conversação, que prende e encanta pela vivacidade que sabe dar aos pormenores. E, depois de ter prestado homenagem ao sucessor de Silva Graça, Pereira da Rosa, Rafael Ferreira recomenda: — Tenho muitas recordações interessantes! Mas, compreende, estou a escrever um livro de memórias...

E, puxando de cima da mesa uma grande pasta, diz:



Redução dum gracioso desenho de Francisco Valença, para comemorar os 50 anos do «Século».

— Vê, já está aqui quasi tudo... Quando se chega à minha idade há sempre qualquer coisa para contar...

— Então, diga...

— A mais trabalhosa reportagem foi a visita do Presidente Loubet. Andei sem comer e sem parar, mais do que o permite a força humana... A rainha Alexandra e o imperador Guilherme fizeram-me, também, apañhar suadouros. Mas, para mim, a mais perigosa reportagem foi a da fuga do leopardo do Jardim Zoológico, onde eu e o Gouveia das «Novidades» não só tivemos que nos livrar do bicho como da fúria da Guarda Municipal encarregada de o matar. Não calcula o que aquilo foi. Andava Lisboa aterrada. Outra reportagem arriscada foi a de um violento comício em que o major Dias, da polícia, recomendou, pela última vez, cautela com a língua. Eram milhares de cabeças — e os oradores, inflamados, berravam contra a tirania e a opressão do povo...

Rafael Ferreira sorri com bonhomia:

— Não sei, meu amigo, como no meio de tanta pancadaria cheguei a casa sem um galo na cabeça...

M. M.



Um grupo de vendedores do jornal «O Dia», com o chefe da venda. Neste postal vêem-se ainda alguns jornalistas que estão, felizmente, vivos.



Entre eles, Rafael Ferreira, Acácio de Paiva e Eduardo Schwalbach. Silva Graça está ao centro.



É possível que o leitor note o «desencontro» entre a indumentária e o calçado da vedeta. Mas há-de concordar que, sob o ponto de vista estético e plástico, em Margie Stewart tudo é belo e harmónico...

PLANOS DE MONTAGEM

Consta que Olavo Egá Leal está a escrever o argumento de um filme.

* * *

Volta a agitar-se a idéia de realizar um filme sobre um dos romances de Egá de Queiroz, para comemorar, na tela, o centenário do nascimento do grande escritor português. Fala-se nos «Malas», na «Ilustre Casa de Ramires» e na «Cidade

e as Serras». O projecto é de tal modo ambicioso e carece de tão longa e minuciosa preparação, que esperamos, dentro em breve, conhecê-lo, na sua fase definitiva. Tal filme não pode ser «resolvido» com improvisações.

* * *

«Inês de Castro», segundo se diz, será apresentada em Portugal, antes da sua estreia em Madrid. Diaz Amado espera trazer, ao nosso País, por essa ocasião, alguns dos técnicos e artistas espanhóis, que colaboraram neste filme.

TONY DE ALGY, O PORTUGUESÍSSIMO ANTONIO GUEDES INFANTE, É O PROTAGONISTA DO NOVO FILME DE ARTHUR DUARTE "O HÓSPEDE DO QUARTO 13"

ARTHUR Duarte regressou há dias de Madrid, onde foi ultimamente os pormenores concernentes à realização do seu próximo filme, «O Hóspede do Quarto

13», argumento de Fernando Mendez Leite, premiado pelo Sindicato Nacional do Espectáculo, com diálogos de João Bastos. O argumento e o guião técnico foram já submetidos às

autoridades espanholas competentes, para a necessária autorização.

Arthur Duarte está francamente confiante:

— Espero, dentro da primeira quinzena do próximo mês, começar a rodagem do «Hóspede do Quarto 13», cuja acção se passa no Estoril, que hoje, como estância internacional, tem, no país vizinho, um cartaz tão grande como Deauville ou S. Sebastian. Os cenários já estão em poder de Canet-Bubel, um grande decorador espanhol, a fim de os desenhar sobre os esboços que eu forneci e que interessam directamente à acção.

— Intérpretes?

— Mantenho os meus primeiros propósitos: Teresa Casal e Maria Eugénia, a primeira numa aventura sentimental, tal como se encontram, com frequência, nos grandes casinos e nos grandes hotéis; e a segunda numa ingénua, que vive encantada uma agitada aventura de amor, no alvorecer dos seus dezóito anos. Teremos um actor português, possivelmente Erico Braga — que só não fará o papel no caso dos seus afazeres profissionais não o permitirem — na personagem de um banqueiro a quem os cabelos grisalhos não tiraram as prosápias de conquistador, e um actor de cinema espanhol que será, sem dúvida, o portuguêsíssimo Tony de Algy, na figura estranha e misteriosa do Duque de Gomar, «o hóspede do quarto 13».



— Trata-se de uma comédia ou de um drama?

— Em boa verdade, das duas coisas. Como na vida. Porque as lágrimas e os sorrisos têm, por via de regra, igual quinhão. Mas «O Hóspede do Quarto 13» é, fundamentalmente, uma alta-comédia, que decorre em ambientes elegantes, inexplorados ainda no cinema português, e com um discreto fio policial a entretecer os episódios...

— Outros projectos?

— Por agora, e apenas, realizar «O Hóspede do Quarto 13». O que não quer dizer que não esteja trabalhando, intensamente, na preparação de novos filmes. O panorama actual do cinema português obriga ainda os realizadores a ser produtores — e homens de negócio.

E com estas palavras, Arthur Duarte pôs fim à conversa, que não teve pretensões a entrevista. E se fomos indiscretos, o simpático realizador que nos perdõe.



Katherine Aldrich, uma das mais belas estréias de Hollywood, votouse a esta tarefa, simultaneamente feminina e patriótica — fazer meias para os soldados. E-la, num acampamento de Omaha, perante alguns fuzileiros da Marinha, que a «fuzilam» com significativos olhares...

CINEMA

Uma cinemateca nacional

O Chefe do Estado visitou, há dias, a Companhia Portuguesa de Filmes. Assistiu às filmagens de «A Noiva do Brasil» e transitou, depois, dos estúdios para a sala de projecção, onde lhe foi passado o documentário do movimento de 28 de Maio, que pertence aos arquivos daquela firma produtora. Por milagre do cinema, o mais alto magistrado da Nação pôde reviver as horas febris do levantamento nacional, e rever, em toda a sua glória, grandes vultos de soldados do Império, que hoje já não pertencem ao número dos vivos. Tal facto, só por si, mede a transcendente importância de uma cinemateca, como repositório vivo dos documentos que respeitam à vida da Nação.

Deve-se ao sr. dr. Rodrigues Pinto, à sua visão e ao seu dinamismo, estarem a coberto dos estragos do tempo e até do desinteresse nacional, os filmes portugueses que documentam acontecimentos e episódios ligados aos últimos quarenta anos. Desde as imagens de El-Rei D. Manuel II, quando da visita de Afonso XIII, até à participação de Portugal na Grande Guerra; das revoluções monárquicas da Galiza e do Pôrto, até aos primeiros festejos da República; desde Sidónio Pais até o 28 de Maio, ali se encontram, gravadas para sempre na celuloide, testemunhos, factos e personalidades de outras épocas, comemorações e revoltas, reis e presidentes da República, heróis e construtores da nacionalidade.

E desde a sua fundação, este arquivo sem par foi ampliado e reforçado, porque a Companhia Portuguesa de Filmes, por sua iniciativa e inteiramente à sua custa, gravou em som e em filme os momentos culminantes do renascimento da Nação, desde o lançamento à água dos navios de guerra construídos nos estaleiros portugueses, até às reportagens das grandes manifestações patrióticas, uma das quais — a consagração nacional da obra de Salazar — se exibiu vinte e quatro horas depois do acontecimento, em vários cinemas do País. A única imagem sincrónica desse grande ministro que foi Duarte Pacheco encontra-se no arquivo da Companhia Portuguesa de Filmes.

Quando esta firma produtora resolveu evocar num pequeno filme o feito eterno de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, verificou que quasi não existiam as reportagens cinematográficas relativas ao acontecimento. A maior parte delas — negativo e positivo — havia sido vendida a péso, para experiências de extintores de incêndio. Com os salvados do que existia pôde perpetuar-se na tela a figura dos gloriosos aviadores e a repercussão popular do voo maravilhoso, que havia de ficar na história da aviação como uma proeza sem igual. Foi, então, antes que os documentários existentes levassem idêntico caminho, que a Tobis se resolveu a procurar e reunir tudo quanto restasse referente ao Portugal de outros tempos. E a sua decisão avulta se dissermos que, nessa altura, a Companhia não navegava num mar de rosas. O interesse nacional, porém, sobrepôs-se aos interesses comerciais.

No momento em que, finalmente, num diploma oficial, se prevê a constituição duma filмотeca, parece-nos oportuno recordar a acção de uma entidade particular, graças à qual foi possível proteger a tempo filmes que constituem o orgulho de um arquivo cinematográfico nacional. E Sua Excelência o senhor General Carmona, nas palavras que proferiu, após a projecção do filme sobre o 28 de Maio, consagrou o esforço daqueles que, salvando e conservando tais documentários, prestaram à Nação um alto serviço — tanto maior quanto maior for o tempo que sobre eles for passando...

FERNANDO FRAGOSO

COCKTAIL



Sabe quem foi WALTER SCOTT?...

SE outra coisa não tivesse acontecido no ano de 1771, bastaria ter-se dado o nascimento de Walter Scott para que essa data ficasse célebre na história. Foi em 1771, por uma manhã fria e nevoenta, que Walter Scott viu a luz do mundo. A sua terra natal chama-se Edimburgo, na Escócia.

Aos 16 anos, menino ainda, Walter Scott tinha já lido inúmeros volumes. A sua educação foi bastante rígida, como era, aliás, quasi toda a educação nessa época. Folguedos próprios da sua idade, não os conheceu esse menino que um dia havia de ser célebre e pasmear as pessoas que duvidavam do seu talento.

Formou-se em Direito, mas cedo abandonou a advocacia, voltando-se para a poesia. Traduziu Burger e Goethe.

Em 1802, tinha então trinta e um anos, publicou os «Contos da Fronteira Escocesa», inspirados na antiga vida campestre da Escócia. Se as traduções de Goethe e de Burger não lhe trouxeram a menor fama, os contos, pelo contrário, foram bem recebidos, tanto assim que três anos depois, em 1805, publicava o «Lamento do Último Menestrel». De 1805 até 1814, com «Lord da Ilha», pode dizer-se que Walter Scott lançou um livro de versos por ano. Todavia, por grande sucesso que eles fizessem, não conseguiram ofuscar a glória de Byron.

Walter Scott não se contentava em ser apenas «mais um poeta». Queria, sim, ser o «primeiro», fôsse em que ramo fôsse da arte. Não o conseguindo na poesia, volta-se subitamente para a ficção e, em 1814, com «Waverley» nasce uma série de romances históricos. «Waverley» foi publicado anonimamente, o que despertou vivo interesse entre os seus leitores. O interesse, porém, atingiu o máximo quando, no ano seguinte, Walter Scott publica o «Guy Mannering» e assina-o com o nome de: «Autor de Waverley».

O «grande desconhecido» continuou escrevendo os seus livros, que eram recebidos com notável êxito literário, «O Antiquário», «O anão negro», «Rob Roy», «A Lenda de Montrose», «Ivanhoe», «Vida de Napoleão», etc., tendo este último suscitado em França uma série de vivos debates políticos.

Em 1827, com a falência do livreiro Constable, viu-se Walter Scott responsável e fiador de uma soma de 120.000 esterlinos, que se comprometeu a pagar em 10 anos.

Continuou escrevendo sempre: «Contos de uma avó», «Roberto de Paris», «O Castelo Perigoso», etc. Por essa altura, estava Walter Scott bastante fraco. Por fim, teve dois ataques de paralisia. Morreu no castelo de Abbotsford, em 1832, com 61 anos de idade.

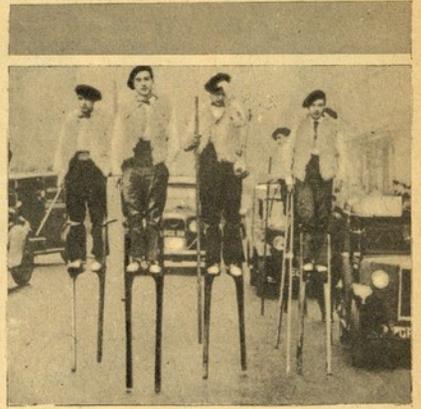
Walter Scott figura na história da literatura universal como o autêntico criador da novela histórica. Antes dele, êsse género era rudimentar e séco.

Os seus romances trouxeram uma nova atmosfera e um estilo original às narrativas históricas, o que fazem dele um escritor impercível.

Dançarinos com pernas de pau

EIS um interessante costume que ainda perdura em certas regiões francesas: os bailarinos com pernas de pau. Não se julgue, porém, que a palavra «bailarinos» é aqui empregada com um sentido irônico. Pelo contrário. Estes bailarinos, mesmo empoleirados nas suas pernas artificiais, executam artísticos e difíceis números de danças regionais.

Aqui os vemos, marchando em plena rua pejada de automóveis, em direcção ao «Albert Hall», onde irão exhibir os seus números característicos.



Brincando com a morte

EM Adis-Abeba, capital da tão falada Etiópia, deu-se, há dias, um caso interessante porque, felizmente, não houve consequências graves a lamentar.

Foi o caso que algumas crianças, enquanto brincavam, descobriram, por acaso, um objecto curioso, do feitio de uma elipse. Pois bem: êsse «objecto curioso» era nem mais nem menos do que uma bomba — recordação da passagem dos italianos pela capital da Etiópia.

Inocentes, as crianças interromperam a brincadeira para se ocuparem da bomba. Viram-na por todos os lados, cheiraram-na, sacudiram-na. Para êles, «aquilo» nada significava.

Um soldado inglês que por acaso passou por ali, entretteve-se a ver as crianças brincar. Eram tão interessantes, tão jovens, tão bonitinhas! Nesse momento, o grupo das seis crianças — porque eram seis as pequenas etíopes que ali brincavam com a bomba — divertiam-se atirando-a das mãos de uma para as de outra, como se de uma bola se tratasse. Riam alegremente, tal como as crianças felizes sabem rir.

O soldado inglês, que já ia retirar-se, reparou melhor no objecto que lhes servia de brincadeira e, ao reconhecer que era uma bomba, sentiu-se gelar. Porém, nada disse. Bastaria uma palavra para as crianças se assistirem. E se a bomba tombasse no chão, nada restaria inteiro por aquêles metros em redor.

Aproximou-se mais delas e, sorrindo, perguntou:

— Deixam-me brincar com vocês? — Elas olharam para o soldado e acharam graça no pedido.

— Sim! — responderam.

E uma das crianças atirou-lhe a bomba para as mãos. Não é necessário dizer que a brincadeira terminou imediatamente. Mal recebeu a bomba, o soldado, sem uma palavra, retirou-se, apressado, deixando as crianças tristes e boquiabertas pela maldade do novo companheiro que lhes rouba o objecto de entretenimento.

As crianças ignoram e continuarão certamente a ignorar pela vida fora que tiveram a morte entre as mãos e que o sangue frio de um soldado inglês as salvou...

Sabe responder?

- 1 — Quem inventou o cronómetro?
- 2 — Em que altura do ano é que o dia é igual à noite?
- 3 — Em que ano se deu o grande terramoto de Messina?
- 4 — Quantos canais tem Venesa?
- 5 — Quem era o «ingenho hidalgo»?

(Ver respostas na pág. 16)

A 5.ª COLUNA AMERICANA!

HÁ algumas semanas, a imprensa, a rádio, o cinema, cartazes, etc., etc., começaram a lançar um grito de alarme. Desta vez não se trata de novas eleições nem da abertura de uma nova frente. O assunto é mais modesto, se bem que igualmente importante. Trata-se, nem mais nem menos, do que denunciar a acção nefasta da 5.ª coluna americana e de procurar, contra ela, os mais eficazes métodos de combate. Designada pelas iniciais V. D., abreviatura de «venereal diseases», esta 5.ª coluna não é outra coisa que o problema venéreo, considerado como o inimigo n.º 1 da frente interior.

Controlado pelos militares, a polícia tomou o caso a sério. Fizeram-se rusgas e centenas de pessoas foram postas numa espécie de campo de concentração, a fim de neutralizar a sua acção perniciososa.

Para completar estas medidas, nas ruas, nas fábricas, grandes cartazes incitam a população a cuidar de tão tremendo mal, tal como podem ver na foto que reproduzimos e que representa uma rua de Nova Orleans, com o cartaz onde se lê: «Você pode curar-se».



Presas na rua, pela Polícia Federal, estas negras são enviadas a uma clínica.

As detidas são tratadas e depois internadas. No «campo» aprendem um «ofício manual».





Já repararam no penteado, verdadeiramente à Santo António, usado por certas senhoras? Pois aquêlê penteado à franciscano parece ser agora o último grito da moda. Esperamos que em breve o veremos completado com o hábito de estampanha, a corda de nós à cinta, e as sandálias deixando ver as unhas pintadas... A mulher-freira era excelente. Da mulher-frade, diremos a seu tempo.

COMO SE FAZ HOJE UMA REVISTA?



A esta pergunta respondia, há dias, Nelson de Barros: — É muito fácil. Os autores durante dois meses consecutivos reúnem-se, burocraticamente, às mesmas horas, escrevem os números, põem os quadros de pé e ligam aquilo tudo. Quando está tudo pronto a Censura corta uns números, o empresário não gosta de outros, a vedeta torce o nariz aos que lhe eram destinados — e acaba-se por fazer uma segunda revista, febrilmente, em cima do piano do ensaio...

É isto mesmo, nas revistas. E, às vezes, saem boas.

DOENÇAS



Corre pelo Chiado que Correia da Costa — que é uma verdadeira fábrica de ditos — foi, há pouco, consultar um dos nossos mais caros especialistas. Chegada a sua vez, o escritor do «Eça, Fialho e Aquilino», entrou no gabinete da consulta; disse dos seus males; o médico examinou-o; receitou-lhe a terapêutica a seguir; e, no fim, quando o doente lhe perguntou quanto devia, o clínico murmurou:

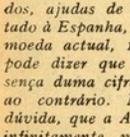
— Cem escudos!

Logo Correia da Costa, preparando-se para pagar:

— O caso é muito mais grave do que eu pensava!

A AMÉRICA

Ouviu uma tarde destas pela telefonia que a descoberta da América do Norte, com todas as despesas incluídas — naus, mantimentos, soldados, ajudas de custo — tinha custado à Espanha, em função da nossa moeda actual, 150 contos. Não se pode dizer que estejamos em presença duma cifra exorbitante. Bem ao contrário. Muitos dirão, sem dúvida, que a América tem custado infinitamente mais aos espanhóis — depois da descoberta!



UM ANUNCIO MODELAR

Aqui está um modelo de anúncio que me parece definitivo no género: — «Homem na eminência de casar deseja senhora nova, bonita, livre, educada nos gostos modernos, que o dissuada daquele mau passo».



ESTE Fernando Frago, com o seu ar gorducho e bonacheirão, teria dado, fisicamente, no século XVIII, um esplêndido frade. Mesmo agora, com um hábito de burel, umas sandálias nos pés e um fio de contas ramalhando na mão — daria, sem dificuldade, um Frei Fernando do Menino Jesus. A verdade, porém, é que cada um, senão fisicamente pelo menos espiritualmente, tem de pertencer à sua época, boa ou má, e Fernando Frago é do século XX. Na impossibilidade de entrar para um convento — entrou para o cinema; em vez de escrever um novo «Flos Santorum» — escreveu «Hollywood em Lisboa». Tem, em todo o caso, um santo da sua particular devoção: «São Luis». E «São Luis» paga-lhe na mesma moeda — porque o escolheu para seu secretário. Difícil encontrar secretário mais amável, mais risonho, mais «bon-enfants», mais superiormente solícito, para um santo, ao mesmo tempo tão diplomata e tão fotogénico. Além disso, Fernando Frago tem múltiplas aptidões: é crítico teatral — e faz fitas. Fitas fá-las como um mestre; como crítico, acha tudo generosamente óptimo. É a candura em pessoa. É a amabilidade em carne e osso. As suas iniciais F. F. não significam mesmo Fernando Frago como muitos julgam: significam «Faz favor...».

Arte de andar de eléctrico

Quando, meu caro leitor, quiseres tomar um eléctrico, espera-o na paragem (nunca entres fora dela), e para te entretêres, vai contando 1, 2, 3, 4... E assim sucessivamente até chegar o carro. Não desistas antes de teres atingido este número: 1.679.325!

Quando o carro chegar e na paragem estiver muita gente para subir, não te mexas. Os outros te empurrarão e te hão-de pôr no lugar que o Destino te reservou.

Se te vires muito apertado na plataforma, morre — mas não te rendas.

Leva o dinheiro em miúdos, para que o preço da passagem te fique mais económico.

Oferece o lugar, se fores sentado, às senhoras bonitas ou velhas — mas dize-lhes a razão porque lho ofereces.

Dentro do carro distra-te a ler avisos ameaçadores destinados a manter a disciplina naquela «cadela em marcha». Nada mais divertido do que ler as disposições que se não cumprem.

Não discutas com o condutor. Aos «homens do dinheiro» não se lhes deve dar nunca a importância de discutir com eles. É a única vingança dos que o não têm.

Mais vale a pé do que em más Companhias, mas se não queres ou não podes andar a pé, resigna-te com a companhia, mesmo má, que te serve. Se disseres mal dela — é porque ela te merece ainda algum interesse.

Nunca desgas com o carro em andamento. Não pratiques a acrobacia no eléctrico. Ninguém te louva as piruetas — e todos riem, se tu caíres...

ALEUGRAFIAS



João Ameal foi, há dias, jantar a casa do ilustre radiologista dr. Aleu Saldanha. Como tivesse encontrado na véspera o dr. António de Menezes, também ilustre médico, e lhe tivesse dado conhecimento do jantar do dia seguinte, António de Menezes elucidou-o:

— Talvez você não saiba? Quem vai jantar a casa do Aleu Saldanha é radiografado antes e depois do jantar... E como Aleu é o mais pró-digo dos Anfitriões, ai daquele que comer pouco...

PEÇAS NOVAS



Receita muito em voga para se fazer uma peça nova: pega-se numa peça velha, põe-se-lhe um outro título — e eis uma peça novinha em folha pronta a vestir pelo Parque Mayer. Agora, por exemplo, no Maria Vitória vamos ter o «Frei Luis de Sousa» com outro título — claro — num arranjo diz-se que de Vasco Santana. Já estamos a ouvir Armando Machado dirigindo-se a Mirita:

— Mas, afinal, quem és tu, chacha? Logo ela, esganiçando-se, segundo a rubrica:

— João... Ninguém!

ESTE MUNDO E O OUTRO



Quem quiser encontrar Rocha Martins procure-o, às tardes, na Livraria Ventura Abrantes, na rua do Alecrim. É certo. Pois Rocha Martins escreveu agora, como sabem, um novo romance que intitulou «Este mundo e o outro». Uma espécie de «Revista dos Dois Mundos». Era oportuna uma entrevista.

— Que lhe parece este mundo? — perguntei-lhe.

— A rua do Alecrim quando se sobe.

— E o outro?

— A rua do Alecrim quando se desce.

Estava terminada a entrevista.

A DIVINA GRAMÁTICA



Artur Lóbo de Campos — pessoa que não carece de ser apresentada, tantos o conhecem — é, há trinta anos, distinto professor de português, literatura portuguesa e arte de dizer. O número de alunos e alunas que lhe têm passado pelas mãos eleva-se já a 20.000. Bonita soma. Vinte mil rapazes e raparigas — e ainda não endoideceu! Pois encontrámo-lo ontem sobraçando um enorme pacote de gramáticas.

— Que quantidade! Logo Artur Lóbo de Campos, purista de bom quilate:

— Tudo isto é pouco, meu amigo, para a falta de «gramáticas» que para aí há...



Emília Duque, fala da situação dos alunos do Conservatório que não conseguem lugar no teatro

NÃO se quer ser actriz pelo simples imperativo de dar nas vistas. Há uma chama superior a guiar os passos de um mundo de raparigas — e rapazes — atraídos por uma arte sublime, feitos para um destino magnífico em que podem e devem consumir o fogo do seu talento, os reverberos da sua mocidade até à maturação de uma experiência que os faz consagrados — actores e actrizes que se citam de memória e cujos nomes ficam para sempre na história do Teatro, na história de uma civilização...

Por que se querem cortar as asas da juventude e abafar a chama do seu entusiasmo — oh! o belo entusiasmo da juventude teimosa e inconformista! — por que se não de fechar os palcos aos rapazes e às raparigas que o Conservatório todos os anos dá como aptos a receber o julgamento do público: «aqui estou, aqui me têm, dou-lhes a minha arte em troca do vosso aplauso?»

Por quê?
Estas ...oguntas fazem-na dezenas de jovens recém-diplomados nos últimos anos e que permanecem sem contrato — estas perguntas fá-las também, perante nós, Emília Duque, terapeuta bem classificada do Conservatório e que está na nossa frente. Vejamos os seus lindos olhos, o ar gracioso do seu rosto. E não é tudo. Emília Duque é elegante, tem uma

figura gentil — tem talento e vontade de ser actriz. Simplesmente, ela não tem onde trabalhar. E conta-nos porquê:

— É certo que as críticas, os bons e interessados amigos pela cena portuguesa insistem na necessidade de renovar elencos. Faltam artistas novos que venham a preencher os lugares dos que amanhã desapareceram. Mas as empresas insistem na preferência dos nomes de cartaz, esquecidas de que um bom réclame é também anunciar gente nova...

— Mas tem tentado?

Emília Duque — um bonito nome para cartaz, não é verdade? — sorri ironicamente.

— Em toda a parte, junto de todas as empresas...

— Mas que dizem os empresários?

— Que não há vagas, que têm até artistas a mais...

De certo, os empresários têm razão: há artistas a mais. Mas os que estão a mais são os que nunca estiveram a menos, aqueles que nunca fizeram falta — aqueles que conseguiram o seu lugar não por mérito artístico mas por motivos de outra ordem. De certo, também, que se restringe o ingresso de gente nova — enquanto houver gente velha desempregada. Este critério defendido pelo Sindicato é muito humano — mas o teatro não é asilo de velhos nem de inválidos do talento: é uma fonte de arte, uma fonte de vida e juventude constantemente renovada.

E se é justo amparar os velhos ou os nulos que em mais nada podem ou sabem governar a sua vida — criem-se-lhe outros processos de assistência. Mas não se fechem as portas aos novos — que os novos estão aqui cheios de esperança, de fogo, de mocidade e de nobreza de arte para ocupar o seu lugar na fila. Eles estão representados aqui, aqui

mesmo, em Emília Duque, que nos confessa:

— Veja, com excepção de duas ou três raparigas, quantas conseguiram uma pequena situação no teatro?

De facto, nós enumeramo-las. São todas simpáticas e todas têm grandes possibilidades: Maria de Lourdes, Maria Barrosa, Eunice Muñoz, Maria José, Isabel de Carvalho...

— Mas as outras, as muitas outras que também têm talento e que não têm sorte?

Perguntamos a Emília Duque:
— Mas acha que, apesar de não ter conseguido contratos, tem razões para desanimar quem não possui ainda o seu diploma?

— Muitas outras têm obtido contratos ainda sem diploma. Esse treino, esse contacto com o público só pode ser benéfico para a aluna de Conservatório...

— Sabe que os professores, que são quasi todos artistas, proíbem agora que os alunos do 1.º ano trabalhem em palcos... Não acha que isso prejudica os futuros concorrentes dos mestres?

— Eles são os nossos professores. Têm obrigação de querer o melhor para os seus alunos. E se assim o resolverem é porque entendem que assim é o melhor...

A entrevista gira ainda, por momentos, à volta do Conservatório e das garantias que ele oferece e não oferece. Emília Duque lamenta:

— Veja: nem sequer temos facilidades para assistir aos bons espectáculos... Quantos de nós, os que tivermos dificuldades, ficaremos sem ver as melhores criações dos artistas contemporâneos, dos nossos mestres até? O Conservatório devia obter facilidades junto das empresas...

— Por que veto para o teatro?

(Continua na pág. 16)

Uma ideia em marcha

Vai organizar-se o Grupo dos Amigos do Teatro

QUANDO daqui lançamos a ideia de criar entre nós um Grupo dos Amigos do Teatro sabíamos, de antemão, com que elementos, porventura, viríamos a contar. Conhecedores do meio, era natural que estirássemos bem ao par as possibilidades de transformar em realidade o interesse, as ideias e o entusiasmo de um tantos devotados à arte declamada. Hoje podemos dizer que estamos em vias de dar uma grande, uma excepcional notícia: está a organizar-se o Grupo dos Amigos do Teatro. Para tanto, fizeram-se já algumas reuniões, discutiram-se as bases dos estatutos, apontaram-se entidades para uma grande comissão de honra e outra contribuinte, traçaram-se as bases do programa a realizar, e que é o mais vasto e completo que possa architectar-se. O teatro experimental, as conferências, as divulgações e críticas pela imprensa, o parecer de um grupo de gente de talento comprovado sobre o valor das peças — tudo isso será a acção do Grupo dos Amigos do Teatro que irá junto de todos os entusiastas pedir a sua adesão e a sua quota.

Perante tudo o que aí fica, certamente o leitor preguntará: mas quem são, afinal, os elementos que compõem esse grupo?

Evidentemente, desde já poderíamos apontar uma meia dúzia de nomes. Mas esta obra não será apenas de meia dúzia: pertencerá a todos — e todos aparecerão a seu tempo.

Por agora, queremos apenas afirmar: temos ideias, as razões para supor que, dentro em breve, o Grupo dos Amigos do Teatro será uma realidade. E, por isso, queremos desde já convocar o entusiasmo, o

interesse público, porque um dia virá em que abriremos nas nossas páginas a inscrição de sócios do Grupo dos Amigos do Teatro.

Por hoje, ainda — e, em breve, toda a imprensa se referirá ao facto certamente — queremos apenas falar das anónimas palavras de simpatia que a nossa iniciativa mereceu de um diário da tarde. Eis o comentário a uma ideia que vai criando consistência e merecendo a atenção das coisas positivas:

«Agora que, de facto, se está assistindo a um renascimento do gosto do público pelo Teatro e que até já se fala na organização de um grupo de amigos da arte dramática, interessante iniciativa destinada, sem dúvida, ao desempenho de uma grande missão cultural, é oportuno recordar a existência, nos Estados Unidos da América do Norte da «Sociedade Americana de Teatros», também conhecida por Grémio Teatral de Nova-York. Há pouco ainda, em 14 das principais cidades do país, os amantes de verdadeiro teatro tiveram ensejo de inscrever-se como membros da referida associação, membros cujo número ultrapassava já cem mil pessoas. Eis um exemplo digno de atenção.»

Os nossos agradecimentos anónimos ao comendador anónimo, para uma entidade anónima...

O Grupo dos Amigos do Teatro também precisará de muitas inscrições. E cremos bem que ninguém lhe negará o seu aplauso, no dia em que forem conhecidos nas suas linhas firmes e nos seus nomes mais honrosos — os propósitos e o programa de uma entidade que vai trabalhar apenas por amor ao Teatro!

Onde nem tudo que luz... deixa de ser ouro...

Suzanne Baugé fez, há pouco, «La Mascotte», uma das mais célebres operetas de Edouard Audran, apresentada, pela primeira vez, em 1880, no «Bouffes-Parisiens», com o êxito extraordinário que havia de tirar o seu autor da miséria...

Suzanne Baugé, ao que se anuncia, fez agora o papel de «Mascotte» com uma graça e um talento insuperáveis. E o que é mais interessante é que o seu vestido magnífico — como aliás toda a montagem, onde se gastaram muitos milhares de francos — custou a linda soma de 18 mil francos. As plumas, as pérolas e os brocados justificam esta soma fabulosa, não é verdade? Deve, porém, acrescentar-se que o guarda-roupa foi feito durante a ocupação...



«GONGS»

* É notável a maneira como tem sido cuidada a parte técnica das emissões da ORSEC do Porto. Sem dúvida, é a estação centralizada do Porto que em melhores condições está a ouvir-se, não obstante a centralização ser igual para todos...

* Maria Sidónio gravou recentemente alguns discos com músicas dos mais populares compositores portugueses. Trata-se de esplêndidas gravações, que obtiveram grande êxito entre os ouvintes. Da mesma artista seguiram recentemente para o Brasil alguns discos.

* Rádio Clube Português fez modificações nos seus quadros: a locutora Natália Correia — uma linda voz que vencerá no Rádio, — foi demitida; o conhecido produtor e crítico literário Humberto de Mergulhão, foi também demitido. Isto, passou-se em 24 de Novembro passado...

* Dos locutores estagiários admitidos, após o concurso de há 5 meses e para preenchimento de recentes vagas inesperadas, a Emissora Nacional contratou apenas Domingos Lança Moreira; diz-se que Etelvina Lopes de Almeida e Alberto Repreças serão também contratados brevemente. Continuam em estágio, aguardando decisões, Joana Campina Miguel e José Carlos Baptista. Maria Helena Sá, após o estágio de 15 dias, não voltou ao microfone. Consta que a E. N. vai chamar para estágio outros concorrentes ao último concurso e algumas vozes já conhecidas de outras estações.

* Foram admitidos, como locutores estagiários, em Rádio Clube Português, Fernando Saramago e António Melo Pereira, dois locutores das estações centralizadas da capital. São ambos, embora de géneros opostos, dois elementos a aproveitar.

* Confirma-se a hipótese dum convite feito a Pedro Moutinho para interpretar um dos principais papéis dum próximo filme português. Diz-se que esse filme começará em Janeiro de 1945 e incluirá mais elementos da Rádio. Trata-se dum filme musical.

Maria de Rezende deixou de ser locutora

MARIA de Rezende não precisa de apresentações... É um dos melhores e mais conhecidos elementos da nossa Rádio, senhora duma voz que toda a gente tem no ouvido, e que ninguém confundiu!

Pois Maria de Rezende deixou de ser locutora!... Num dos últimos números do «Diário do Governo» quasi não se viam as poucas linhas em que se dizia que «foi rescindido, a seu pedido, o contrato celebrado com a Emissora Nacional de Rádio-difusão, por Maria do Carmo Rezende, locutora de 2.ª classe...». E assim terminou a carreira da primeira locutora portuguesa, da primeira mulher profissional da nossa Rádio! A sua actividade radiofónica, desde os primeiros passos da nossa estação oficial, dignifica e dar-lhe-a se quisesse, motivo para um orgulho que não sente e repudia... Ao trazê-la hoje a este cantinho da Rádio da «Vida Mundial Ilustrada», queremos prestar homenagem ao seu valor profissional — uma consequência lógica da boa-vontade e da cultura invulgar que a sabe aliar à sua voz tão agradável e ao seu sentido radiofónico.

Os ouvintes não poderão esquecer Maria de Rezende! Maria de Rezende também não esquecerá aqueles para quem trabalhou durante tanto tempo...

O seu nome fica bem ligado à Radiodifusão portuguesa!...



EXITOS DA RADIO

SE EU FOSSE AQUELA EM QUEM TU PENSAS...

1.ª Parte

*Já não sei viver longe de ti!
E um dia sem ti
É dia sem cor,
Que essa estranha luz que te envolveu
Minha alma perca
em sonhos de am...*

REFRAIN

*Se eu fosse aquela em quem tu pensas
E em lindos sonhos vês
Numa ilusão, num doce bem...
Se eu fosse aquela em quem tu pensas
Seria enfim feliz!
Bem mais feliz, amor, talvez
Do que ninguém!
A cor azul do imenso Céu
Seria mais azul
P'los campos de manhã...
A Primavera toda em flor,
Não mais teria fim
Na voz do nosso infundo amor!
Se eu fosse aquela em quem tu pensas
E a quem juraste amor,
Diria então à vida assim:
— Não corras vida tão depressa,
Que em teu brutal rodar
O nosso sonho se desfaz.
Não vás sem mim!*

Para terminar

*Não vás sem mim!
Não vás... não vás!*

2.ª Parte

*Nesta ilusão feita ideal,
Só eu por meu mal
Sei quanto sofri!
Enquanto que vais buscando alguém,
Não pensas em quem
Só vive por ti.*



“OS EXCÊNTRICOS DO RITMO” EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

NO passado dia 30 de Novembro, Rádio Clube Português transmitiu o primeiro programa da série que «Os Excêntricos do Ritmo» vão realizar em programas quinzenais, às 21 horas de quintas-feiras alternadas. Neste primeiro programa — de que acima damos um aspecto, em plena emissão — colaboraram, além dos componentes do grupo, dois conhecidos elementos da nossa Rádio, que o animaram com uma locução enervada e alegre...

O grupo apresentou-se composto por Nuno da Cunha Gonçalves, Herculano de Almeida, Fernando Freitas da Silva, Alexo Fernandes, Nereu Fernandes, Tristão de Sampaio e Fernando Curado Ribeiro. Nas próximas emissões serão sucessivamente apresentadas, em colaboração eventual, as melhores e mais conhecidas vozes das nossas emissões ligeiras.

As emissões de Dezembro realizam-se nos dias 14 e 28, às 21 horas.

ATRAZ DO MICROFONE

Uma entrevista com Rui Ferrão, um rapaz alto que é “baixo” e é bom artista...



QUANDO a «Orquestra Aldrabofona» estava no seu auge, os seus elementos eram bem conhecidos do público radiofónico... Alguns eram bons artistas. Simplesmente, muitas vezes, os seus nomes não tinham a seriedade que um assunto artístico requer!... Eis o caso do «Quilómetro Lançado» da «Orquestra Aldrabofona», um bellissimo elemento que transitou para os programas da nossa estação oficial. Passou, então, a usar o seu nome verdadeiro: Rui Ferrão.

Isto deu-se há pouco menos de três anos. Primeiramente, com um quarteto e, logo após, isoladamente, Rui Ferrão começou a conquistar o público numeroso que hoje o aplaude. Cantando e colaborando no Teatro Radiofónico, Rui Ferrão conseguiu vincar a sua personalidade através duma voz 100 % radiofónica e agradável. Actualmente, os seus estudos de Arte de representar, no Conservatório Nacional, estão quasi no fim. Já na época passada Rui

Ferrão pôde marcar a sua presença na Companhia Brunilde Júdice-Alves da Costa, estreando-se na peça «Sua Excelência, o Ladrão» — sem falar na sua actuação em «Os Velhos», de D. João da Câmara, para provas públicas da sua colega de Conservatório Maria Barroso, e que tão bem colocou que logo pôs em evidência Rui Ferrão. E, a par do teatro, sempre a Rádio, aliando-se-lhe, quando possível e distribuindo-se por ambos com igual fervor.

Encontramo-lo à porta da E. N. E pouco mais podemos dizer do que quatro ou cinco palavras. Ele tinha que fazer, e nós — por hábito ou por necessidade — andamos sempre a correr... De maneira que entre dois apressados apertos de mãos, os assuntos não foram muitos...

Falámos da filha pequerrucha de Rui Ferrão, que, segundo nos disse o seu «papá», já canta...
— Há-de vir para a Rádio, não?
— Não sei, talvez. Por enquanto, imita o pai, fazendo voz grossa, e a Maria Gabriela, fazendo voz fina...
— E V. que nos diz de si?
— Nada de importante... Lá estou no Conservatório...
— E... pretensões?
— Pretensões?!... Mais teatro, mais Rádio, mais trabalho... Em resumo, mais dinheiro.

E pouco mais dissemos. Pedimos-lhe a foto, elemento indispensável na entrevista, e... mais nada. Ele seguiu o seu caminho e nós lá continuámos a correr... para depois perdermos duas horas no café, ouvindo dizer mal da nossa Rádio... Quando nós nos convencemos de que temos sempre muito que fazer, é o diabo!...

F. C. R.

CARTAS DOS OUVINTES

MICROFONE DE OURO — Isso é um assunto de cinema e não de Rádio. Alberto Conrado é brasileiro.

— Todos os domingos às 20.10.
— MARIA TERESA C. RIBEIRO — «Discos velhos» foi o título dum programa isolado que já foi radio-difundido. — É verdade.

— «STAR DUST» (Lisboa) — Obrigado pelas suas palavras. — Sobre jazz não encontra nada em português. Aconselho a leitura do «Histoire General du Jazz», de André Couerou. Neste livro encontra quasi tudo o que pretende.

— «DOIS TEIMOSOS» — Fizeram serviço os locutores Domingos Lança Moreira (leituras do noticiário e da crítica de teatro) e o autor destas linhas, todo o restante programa, em geral.

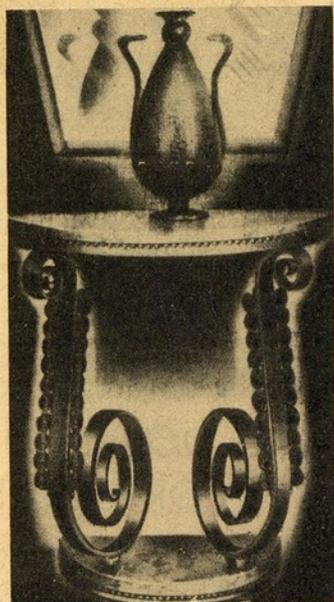
— «UMA QUE ABORRECE»... Não dizendo a hora e o dia, é impossível responder à sua pergunta. — Não damos moradas particulares. Escreva para a E. N.

— «NINA» — Os jornais diários noticiam os cumprimentos de onda e as horas das emissões em português nos anúncios de «A Voz da América».

— «ETERNA ADMIRADORA» (Santarém) — As emissões destinam-se ao numeroso público ouvinte... As dedicatórias não são nada aconselháveis! — Escreva de novo a Maria Sidónio, para a E. N. — Coisas da vida... — Escreva ao artista que citou, enviando 2\$50 em selos. — Obrigado pelas suas palavras.

— GALANDINA (Barreiro) — Obrigado pelas suas palavras. — Os locutores novos que, até ao momento de escrevermos estas linhas, têm falado na E. N., são: Joana Campina, Etelvina Lopes de Almeida, Helena Sá, Lança Moreira, Alberto Repreças e José Carlos Baptista. — É verdade. — A última página do semanário «Rádio Nacional» costuma trazer o que pretende.

— «UMA AVÓ» (Lisboa) — Muito grato pelas suas amáveis palavras. — Tem falado Alberto Repreças e José Carlos Baptista, locutores estagiários. — Gostei do seu termo «fúrias de leões»... E, de facto, assim!... — O Caeiro e o Moutinho continuam...



*
JOAL



TELEFONE 44033

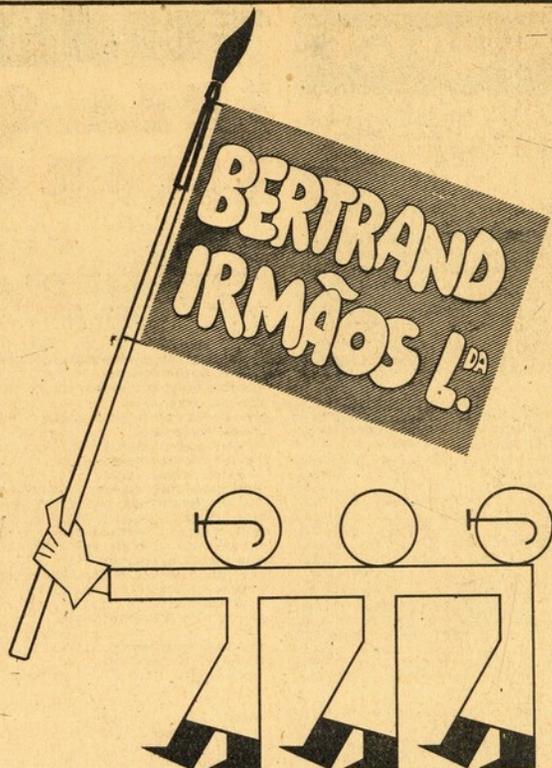
JOAL

*A casa que leva o bom gosto ao
vosso lar*

AV. ALMIRANTE REIS, 233-B-AO ARIEIRO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NOS SEUS SALÕES

VIDA
MUNDIAL



Os maiores ateliers gráficos do país

TELEF. P. B. X. | 21368
21227

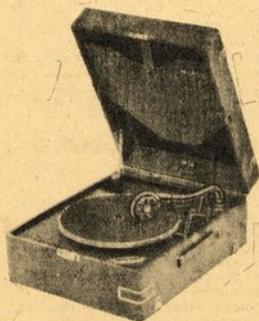
TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
LISBOA



**UM GRAMOFONE E UMA
COLEÇÃO DE DISCOS**

ESCOLHIDOS A SEU
GOSTO PERMITE-
LHE OUVIR A
QUALQUER HORA
E EM QUALQUER
LUGAR A MÚSICA
PREFERIDA

GRANDE VARIEDADE
DE MODELOS



EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

VIDA
MUNDIAL

Alicel

APRESENTA NOS SEUS

**SALÕES DE ALTA
CONFEÇÃO DE PELES**



DENTALINA

Rua do Loreto, 55, 1.º
Telef. 2 4991

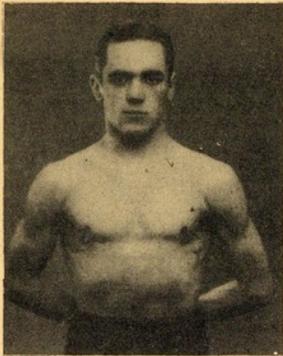
uma variada e opulenta coleção de
raposas, das procedencias mais legiti-
mas e das espécies mais encantadoras.

MEIAS EM MALHAS INTERIORES
MEIA SEM MALHAS INTERIORES
MEIA EM MALHAS INTERIORES

Meia de Vidro

MEIAS E MALHAS INTERIORES

AUGUSTA, 158 / RUA DA VICTORIA, 58-64 / TEL. PROVISÓRIO 25632



"FUI BATIDO NUMA LUTA QUE VENCINI TITIDAMENTE"

declara GUILHERME MARTINS

STE Guilherme Martins, que nasceu em Barcelos, em fará 20 anos no próximo dia 22, que esteve oito anos no Brasil e que um dia se resolveu a fazer «box» por se ter entusiasmado com um filme de Jackie Cooper, no dia em que completaria a sua vigésima primeira luta sem derrota, foi batido, não pelo adversário, o que seria lógico e normal, mas pelo árbitro, que entendeu serem já muitos os combates sem que Guilherme conhecesse o travo da derrota!...

Tôda a gente se espantou com o desfecho, a começar pelo próprio vencedor...

Preguntámos a Guilherme Martins o que pensava do combate com Carlos Wilson:

— Sofri uma surpresa e uma desilusão. Tenho a consciência de que fiz uma luta para ganhar com nitidez. Tôda a Imprensa, de resto, foi da mesma opinião.

— Você perdeu quantos assaltos? — Apenas o sexto. Empatizei o quinto e o sétimo. Tive vantagem nos outros, e especialmente no oitavo ordena-lhe, então, que se mantenha

assalto dominei nitidamente. Basta que a Académica tem feito. Foi em que lhe diga isto: meu adversário não me deu um único sóco e até, o que me surpreendeu, andou a fugir de mim nesses três minutos!

— As suas condições físicas, todavia, não eram as melhores...

— Não eram, de facto. Ainda não estava completamente restabelecido da luxação da mão direita. A partir do 2.º assalto fiquei impossibilitado de a utilizar. Mesmo assim, com a esquerda, não perdi vantagem, e o meu adversário que o diga... Wilson, que é um «boxeur» inteligente, procurou várias vezes forçar-me a ir ao ataque com a direita, sabendo que pararia o golpe e me faria retirar. Não o conseguí, e a partir do meio do combate passou a prender-me o braço esquerdo...

— ...O que não é desportivo nem leal...

— Pois não, mas constitui uma tática...

— O que terá dito o árbitro após a luta?... Você sabe?

Guilherme sorri:

— Sel. Perguntou a diversas pessoas se achavam bem a decisão...

— Quere dizer, então, que élla não ficou com a consciência tranqüilla...

— Sim... E possível... O que eu

sei, é que perdi um combate em que venci sem sombra de dúvida...

— A opinião do seu treinador...

— Serafim Cardoso, que também treina Wilson, afirmou que a minha vitória fôra nítida...

Guilherme Martins, que no dia da luta com Wilson pesou 61.º 800 contra 63 do seu antagonista, manifesta depois uma convicta esperança: — Espero que Wilson me dê a desforra logo que eu me encontre completamente curado. Basta-me fazer um combate como o que fiz há duas semanas...

— O que tem é de escolher outro árbitro...

— Vá-se-á a seu tempo...

— A sua opinião sobre o valor de Wilson? ...

— É um excelente pugilista. E parece-me que está agora na sua melhor forma...

— Você recorda-se que repto Miguel França...

— Muito bem. Tão depressa possa ser, mediremos forças. Estou ansioso por esse encontro...

Os 19 anos de Miguel Martins falam entusiasticamente. Não cedem à adversidade, mormente quando ella é originada por terceiros, mal intencionados ou simplesmente incompetentes...

DESPORTO LUTA PELA LUTA

O Ateneu Comercial de Lisboa decidiu em boa hora, promover uma série de palestra de propagação de vários desportos, e que têm sido largamente concorridas. As reuniões têm sido largamente concorridas, atestando o interesse público e a oportunidade da iniciativa.

Duma modalidade que se tratou há semanas foi, como não podia deixar de ser, da luta greco-romana, em que o Ateneu tem colleccionado não só grandes triunfos como tem sido um dos mais acérrimos propagandistas.

O conferencista foi Joaquim José Barata, antigo campeão da categoria de «minimos» e um homem que luta pela expansão da greco-romana. Assistiram à conferência nomes novos e alguns dos anos passados que fizeram época e tiveram aura da melhor.

Joaquim José Barata começou por fazer uma breve história da luta, apresentando a divisão de categorias, segundo os respectivos pesos, elucidando quais os golpes proibidos e faz um apêlo para que tôda a mocidade pratique greco-romana.

A alturas tantas afirma: «Têm-se gasto verdadeiras fortunas, energias e atenções com o futebol, sem que tenhamos a prazer de ver Portugal ganhar à Espanha (a não ser moralmente), e com a luta nada se tem arriscado. A própria organização da Mocidade Portuguesa não inclui no seu programa de Educação Física a benéfica modalidade».

Cita a seguir alguns nomes antigos e modernos de lutadores portugueses, e termina o seu esplêndido trabalho declarando que a luta é o desporto que mais viriliza o homem, que mais o aformoseia, tornando-o desempenado e mais apto para a vida.

Felicitemos Joaquim José Barata pela sua magnífica lição. É assim mesmo, com persistência e teimosia que se poderá alcançar um objectivo. Sabiamos bem que não estávamos desacompanhados na nossa campanha e que havemos de conseguir o que pretendemos: o ressurgimento da luta.

E, assim, aguardemos melhores dias, que virão por certo — e não muito longe.

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



FUTEBOL ENTRE AVIADORES DA R. A. F. — Joy («das» do Arsenal), cumprimenta Burgess (Tottenham Hotspur), antes do encontro de futebol entre dois «zonzes» da R. A. F. Ao centro, o árbitro Blyth.

Opiniões do extremo-direito do Atlético MICHAEL

A mãe não podia ouvir falar em futebol... Tinha horror ao jogo. Não podia conceber que os homens andassem aos pontáps a uma bola...

Mas o Michael — o Joaquim da Costa Mical — nascido na Ericeira, não desistia e um belo dia appareceu no Sporting, quando o saudoso Filipe dos Santos era treinador. Começou pelo segundo grupo. Mas nesse mesmo ano, tinha elle 17 — já lá vão dez anos... — alinhohe pelos «júniores».

Depois, outro pulo e foi parar às «Reservas», onde ganhou um campeonato. Jogava, então, a avançado-centro.

Num certo prélio contra a 2.ª categoria do Belenense, uma bola de Mical desatacou-se. O jovem jogador afastou-se para a linha lateral, para a atacar... Entretanto, há uma abertura à ponta-direita. Mical apercevia-se para regressar ao seu posto, mas para não deixar perder o lance, apossa-se do esférico, galga três ou quatro metros e despede um colocado remate que redunda num espec-

ta culoso «tento»!... Filipe dos Santos à direita!... Estava encontrado um extremo direito. De então até hoje Mical nunca mais abandonou aquêle lugar!

Agora, tem a palavra Mical:

— Uma incompatibilidade com Szabo, já então no Sporting, levou-me a vestir os «leões» e ingressar no Operário, onde joguei uma época. Na temporada immediata, o Sporting voltou a chamar-me. Acedei, e lá estive outra época; mas o desentendimento com Szabo persistia e sentia-me aborrecido. Lipo Herczka, treinador da Académica, convidou-me a vestir a camisola dos estudantes. Aceitei, com muita satisfação, tanto mais que necessitava terminar o meu curso, e passei a ser da «Briosa», em 1940.

— Boas recordações da Académica...

— As melhores. Fui, entretanto, campeão distrital e seleccionado contra o Porto. Dei-me sempre bem em Coimbra, onde na verdade reina um ambiente absolutamente característico...

— Porque deixou a Académica?

— Minha mãe vive na Ericeira. A necessidade e conveniência de estar mais perto della, fizeram-me tomar outros rumos. Severiano Correia, sabendo das minhas disposições, convidou-me a ingressar no Atlético, o que fiz e ainda bem...

— Por quê?...

— Porque me tenho dado o melhor possível. Excelente camaradagem, directores correctíssimos e um espirito associativo de alto nível. A nossa classificação no Campeonato de Lisboa foi infeliz e imerecida, mas ninguém desanimou. E estamos animados das melhores tenções, quanto ao Campeonato da II Divisão Nacional.

— Recordações da sua carreira...

— Uma boa-má e outra má, com o intervalo de uma semana. A primeira contra o Sporting, no Lumiar, há dois anos, quando a Académica venceu por 4-2, num jogo para o Campeonato Nacional. Foi uma grande partida, e eu marquei dois tentos. A segunda, no domingo seguinte, contra a Cuf, no Lumiar-A. A um quarto de hora do fim, venciamos

por 4-2, através um jogo que eu considero como um dos melhores 15 minutos perdemos a partida por 7-4!...

— Que adversários mais aprecia?

— Manuel Marques, Francisco Ferreira e Amaro, que é pena não voltar a jogar!

— Os clubes da sua simpatia?

— A Académica e o Benfica, pelas suas características. São grupos que marcam bem a alma e vontade do povo português. E acredite: o Atlético, nesse pormenor, está quasi a assenhar-se ao Benfica!... Quere mais uma opinião?

— Diga...

— Com gente de boa tempera, de alma que não cede, e que deveria ser formada a selecção para jogar contra a Espanha!...

— A sua mãe agora já gosta do futebol?...

Mical sorri, com um certo ar de triunfo:

— É uma entusiasta ferrenha. Não falta a um jogo importante. E «torce» com calor...

— E a sua admiradora número um...

— Não admira... Basta ser mãe!...

A SELECÇÃO GALEGA que defrontará o Porto

Encontram-se definitivamente fixadas as datas para os encontros de futebol entre Vigo e Porto.

No dia 31 de Janeiro, na capital do Norte, e a 29 de Abril em Vigo. Isto, segundo nos informa um jornal madrileno, que também indica a constituição da turma adversária da portuense, e que é a seguinte:

Acuña, Pedrito e Deva; Bienzobas, Fuentes, Yayo; Venancio, Guibermans, Paquirri, Muruaga e Roig.

Evidentemente que, até 31 de Janeiro, o mundo ainda dá muita volta e a selecção galega pode sofrer alterações.

Do possível conjunto portuense, nada consta. Há tempo de pensar nisso para o mês que vem!...



O correcto estilo de Mical

A política da Europa

Os anos de ocupação, longe de as atabafar, funcionaram como um formilho onde as paixões fermentaram. Ainda os exércitos das Nações Unidas se escalonavam em torno do continente, para o assalto que só devia começar a 6 de Junho deste ano, já o problema se apresentava e adivinhava mesmo sem estar pôsto pelas realidades. O problema, na sua última expressão, havia de se revelar no regresso dos governos que, na hora da invasão alemã, tinham seguido para o exílio na posse dos selos do Estado. A quem competia a melhor, mais legítima e efectiva representação? Os homens que, no interior dos seus países, tinham corrido os maiores riscos, afrontando os perigos das tarefas da resistência, sentiam ter chegado a sua hora. Eles é que tinham guiado o seu povo sob a opressão, eles é que tinham conduzido e praticado a batalha clandestina, eles é que tinham arremetido as forças que, na hora derradeira, haviam de revelar-se como um factor que o supremo comando aliado classificou como de importância decisiva. As organizações clandestinas (as «Forças do Interior», para adoptar a classificação estabelecida) eram as forças reveladas, forjadas por si próprias e pelas circunstâncias; os governos exilados eram a sobrevivência, o fio condutor da ordem estabelecida, o regresso ao «statu-quo» político de 1939.

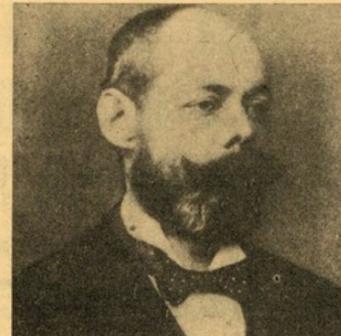
Embora essa fosse, evidentemente, a aspiração da maior parte, principalmente do comando militar, preso à preocupação da marcha das operações, não tardou a verificar-se o desentendimento entre as duas forças organizadas. A cisão logo se manifestou onde era de desejar a mais íntima fusão: foi assim, sucessivamente, na Jugoslávia, na Polónia, na Itália, na França, na Bélgica e na Grécia. Cada um destes países ofereceu, pode dizer-se, em diferentes graus, o seu aspecto do mesmo problema, mas foram os casos da Itália, da Bélgica e da Grécia que forneceram aos olhos perplexos do mundo os motivos de mais profunda emoção, tanto pela sua própria expressão como pelas suas consequências. Na Bélgica — como na França, aliás, embora aqui tivesse sido possível harmonizar tudo numa fórmula transaccional — as forças da Resistência separaram-se do gabinete Pierlot e aprestaram-se para lhe fazer frente, de armas na mão. O comando aliado marcou um prazo e fez saber que a condução das operações militares não poderia consentir perturbações de retaguarda: em última análise, era o risco de não poder funcionar, em condições precisas, o pósto de Antuérpia, principal via de acesso da necessária torrente de reforços para o campo de batalha. O general Erskine chamou os interessados e fez-lhes ver a voz da razão. Na Itália, a intervenção não se deu por via militar, mas tomou o aspecto de «veto» oposto por Londres à personalidade do Conde Sforza como ministro dos Estrangeiros. Na Grécia, o litígio chegou às irremediáveis contingências da guerra civil. O comando britânico apressou-se a intervir, nas condições já sabidas, para defender a posição do gabinete Papandreu.

A emoção foi grande, tanto em muitos meios britânicos como nos Estados Unidos, onde o sentimento de surpresa assumiu a expressão de uma nota formal do Departamento de Estado. O caso grego, efectivamente, estava em ebulição. No regresso de Teherão, Churchill, perante a Câmara, dissera ter de lamentar que as guerrilhas empregassem, umas contra as outras, as armas que lhes eram lançadas, com tanto sacrifício, para combater o invasor. Repellido o invasor, serenados os ânimos, numa composição que se revelou meramente episódica, eis que o choque ressurge com a mais impressionante fragor.

A quietação nos Comuns, a declaração de Churchill, a expressão numérica da votação que se lhe seguiu e os comentários que os jornais britânicos lhe dedicaram reflectem um panorama mental que merece ser considerado em todas as suas consequências.

A ideia de uma força armada, ao serviço da organização internacional, para depois da guerra, pode ter agora a ocasião para as suas experiências preliminares: na realidade, é evidente que estamos longe de um acôrdo entre as três grandes potências associadas: enquanto uma intervenção, a segunda protestou — e uma terceira nem agiu nem se manifestou. De qualquer modo, esta acção de policia empreendida pelas forças britânicas no continente europeu ficará, por certo, com lugar na História para prolongado debate.

J. R. S.



Lord Randolph Churchill, ministro das Finanças e chefe conservador, foi o pai de Winston Churchill.



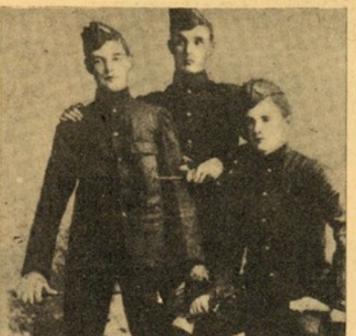
Lady Churchill, mãe de Winston, nasceu na América e foi uma das mais raras belezas na corte da rainha Vitória.



Sua tia, Lady Leslie, uma grande do reino, com o pequeno Winston Churchill aos seis anos.



A mãe, Winston e seu irmão John, seis anos mais novo do que o pequeno futuro Primeiro Ministro.



Em 1894, Churchill era cadete e frequentava Sandhurst, entrando em 1895 no exército.



Um ano mais tarde, em 1896, fazendo parte do regimento de cavalaria — 4th Hussards — esteve na Índia e fez a guerra de Cuba.



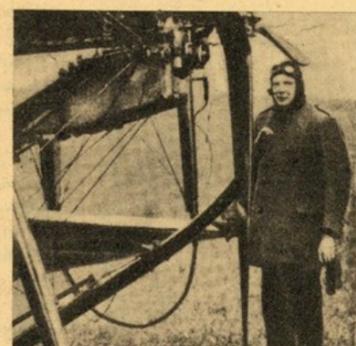
Durante a guerra dos «boers», foi correspondente do «Morning Post», sendo preso. Winston vê-se na foto com o rosto escondido.



Churchill, porém, conseguiu evadir-se numa fuga que ficou memorável. Aqui está pouco depois da sua dramática aventura refugiado em Mombambique.



Quando ministro do Interior, em 1911, na época dos episódios tumultuosos de Sidney Street...



Espírito aberto a todas as manifestações do progresso, Churchill atribuiu sempre grande papel à aviação. Et-lo, em 1911, primeiro «Lord» do Almirantado, no seu regresso de Portsmouth, em aeroplano.

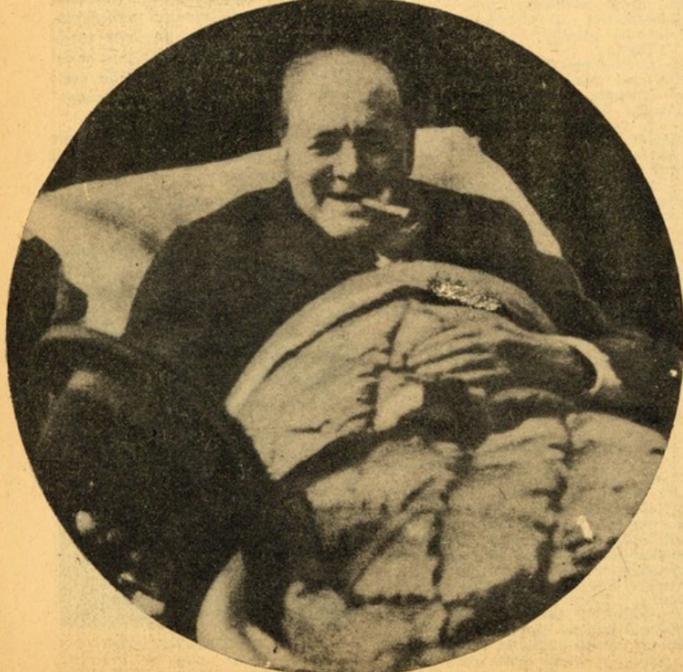


Durante a Grande Guerra, Churchill, que havia reorganizado a Marinha, ocupou a pasta das Munições, e como tal visitou a frente em França.

OS 70 ANOS DE CHURCHILL

20 VEZES DOCUMENTADOS PELA IMAGEM

CHURCHILL faz há pouco 70 anos. Toda a Imprensa inglesa festejou um acontecimento — um acontecimento que, sendo particular e pessoalíssimo, tem, já agora, foros de coisa histórica. Vamos aqui documentar, em 20 fotos, a vida do Primeiro Ministro britânico, um grande homem de acção e um bom condutor de acontecimentos políticos. Sem dúvida, Churchill, conservador por educação, vive neste momento um dos períodos mais graves da sua carreira, sob a pressão de novas correntes políticas. Mas o mundo confia em que Churchill saberá compreender os anseios e as necessidades dos povos libertados, à medida que os ocupantes retiram. A França, a Grécia, a Bélgica, países ocidentais e orientais confiam, estamos certos...



Na hora feliz do seu restabelecimento, quando regressava da sua doença, depois da conferência de Teherão, agradece as aclamações do povo.



Mais tarde, em 1926, durante a crise irlandesa, Churchill atravessa tranquilamente as ruas de Belfast...



É ainda, como detentor da mesma pasta, que o vemos aqui, após a tomada de Lille aos alemães, em 28 de Outubro de 1918.



De 1918 a 1921, Churchill foi ministro das Colónias. Aboliu a taxa sobre o chá, mas nem assim impediu o triunfo do partido Tory.



Churchill é um pintor de mérito. A costa mediterrânica da França conheceu e está reproduzida, porque Winston ali foi muita vez veranear.



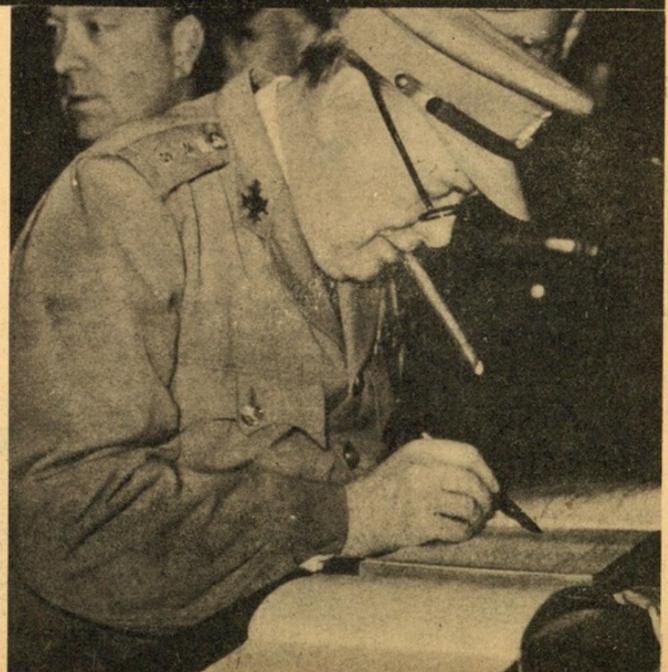
A assinatura da Carta do Atlântico foi o primeiro documento para o entendimento anglo-americano, embora hoje tenham caducado os seus princípios.



A caminho da conferência de Quebec, Churchill tem confiança e sorri. Ele sabe que o entendimento anglo-americano há-de produzir os frutos da vitória.



Grande desportista, joga também o «polo».



Paris-1944 recebe Churchill de braços abertos e oferece-lhe o Livro da Cidade para o seu visitante escrever nêle a sua mensagem de simpatia.

NOVIDADES LITERÁRIAS

★
 "ISTO FOI ESCRITO PARA VÓS, MINHAS SENHORAS"
 por Mariaze Dimbla . . . 15500



★
 INTERVALO

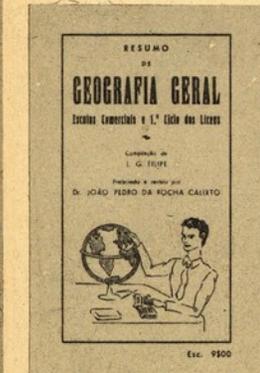
(POEMAS)

ÁLVARO DE ABREU

★
 "INTERVALO"
 (Poemas)
 por Álvaro de Abreu . . . 15500

★
 ROTEIRO DE VIAGENS FEITAS, NO MAR, TORMENTOSO, DAS LETRAS, POR GENTES DE LEIRIA E SEUS TERMOS.
 pela Dr.ª D. Adelaide Félix
 Illustrações do Dr. Leonel Cardoso 10500

ROTEIRO DE VIRGENS PEITAS,
 NO MAR TORMENTOSO DAS LETRAS,
 POR GENTES DE LEIRIA E SEU TERMO



★
 "RESUMO DE GEOGRAFIA GERAL PARA ESCOLAS COMERCIAIS E 1.º CICLO"
 compilação de J. G. Filipe
 prefacada e revista pelo Dr. João Pedro da Rocha Calisto 9500

Eça de Queiroz visto num livro notável do dr. Lopes de Oliveira



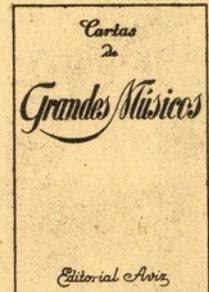
1 Centenário do Eça, do grande e inconfundível Eça — êle mesmo, tal qual foi e tal qual vive nos seus livros — aproxima-se para as comemorações que de algum modo documentem o reconhecimento do valor do escritor pelas gerações modernas. Eça de Queiroz vai ser glorificado, vai ser cantado pelos homens do nosso tempo — dos quais está tão perto pelo estilo e pelo espirito. Entretanto, vão surgindo os estudos, os artigos — e êste livro magnifico, invulgar, subscrito pelo dr. Lopes de Oliveira e que constitue, sem dúvida, das mais sólidas obras aparecidas para celebrar o mérito do escritor e explicar os fundamentos da razão do homem. Sem dúvida, também, êste grosso volume de cerca de quinhentas páginas, vai constituir um êxito invulgar, uma extraordinária fonte de estudo para quantos pretendam interpretar os textos do escritor ou o seu tempo, pois o excelente livro do dr. Lopes de Oliveira — «Eça de Queiroz — História das suas obras contada por êle próprio — Páginas Desconhecidas» — é uma autorizadíssima recolha de documentos e, ao mesmo tempo, as memórias que Eça não coligiu mas que ficaram dispersas por muitas cartas, livros e artigos. De facto, e principalmente por isso, o estudo do dr. Lopes de Oliveira baseia-se nos textos e transcrições de cartas, na sua comparação, pelo que pode considerar-se dos mais sérios e completos de quantos se tem apresentado ou venham a apresentar-se. Só assim se compreende que venha a lume, pela pena do dr. Lopes de Oliveira, das melhores do nosso tempo, um trabalho de tamanha responsabilidade que é essa a de falar a quarenta e tantos anos da sua morte — de um escritor

que é actual, familiar, dos mais lidos e queridos das gerações actuais. É preciso, de facto, ter alguma coisa de novo para dixer sobre o grande Eça — para falar do Eça que todos nós conhecemos da sobrecasca aos recônditos do seu sarcasmo. Ainda sob êsse aspecto — e não nos esqueçamos do brilho e da vibração de que a obra se reveste — o livro do dr. Lopes de Oliveira merece as honras de bela contribuição como documento de um dos mais notáveis momentos da nossa literatura.

Ao retumbante êxito de livraria está aliado um grande e merecido êxito literário — o que de todo nos desvaneca, pois é uma edição de «Vida Mundial Editora», o livro que o sr. dr. Lopes de Oliveira acaba de dar ao público português. A capa de «Eça de Queiroz» traz um notável desenho de Rudy, o moço artista que é nosso companheiro de trabalho e que tão boa conta tem dado da sua arte.

Editorial Aviz

APRESENTA



17550

Rameau, Bach, Gluck, Haydn, Mozart, Beethoven, Weber, Schubert, Berlioz, Chopin, Schumann, Liszt, Wagner, Brahms

Com 10 RETRATOS

Brevemente os 2 primeiros livros dos INÉDITOS de

Eça de Queiroz

Crónicas de Londres 20\$00
 Cartas de E. de Queiroz 20\$00

Sabe responder?

(Continuação da pág. 6)

- 1 — O relojoeiro John Harrison em 1735.
- 2 — No dia 21 de Março, porque, neste dia, a posição da terra em relação ao sol é tal que a sua luz ilumina exactamente metade do nosso planeta.
- 3 — Em 1908.
- 4 — 157, com a extensão de 45 quilómetros e que desempenham as funções de ruas.
- 5 — D. Quixote de la Mancha, figura criada por Cervantes.

EDIÇÕES

DE

ROMERO, L. DA

RUA DO ALECRIM, 46 — LISBOA — TEL. 2 9681

CORRESPONDÊNCIA

ATENÇÃO

Vários solucionistas do problema n.º 24 enganaram-se, indicando por vítima a senhora de cabelo negro. Mas era bem de ver, conforme o enunciado do problema, que a vítima do doutor Pierce não podia ser sendo a senhora alorada.

ADOLFO LIMA (Famalicão) — Pronto! Está feita a alteração para o pseudónimo que o senhor indicou.

LEIRIA DIAS (Lisboa) — Fico aguardando essa nova «prova de exames». Deve ser bem interessante.

DETECTIVE ENRASCADO (Lisboa) — Transmitirei o meu alvitre à secção correspondente. Pode ficar descansado. Agradeço as suas palavras.

ESÓJ RAPSAG (Covilhã) — Este leitor endereça as mais cordiais saudações a Leiria Dias, o detentor da camisola amarela.

JOSÉ DE SOUSA (Pôrto) — Vou estudar a sua sugestão quanto aos solucionistas da província. No que respeita à acusação que faz... todos temos razão!...

ZIRTEBA (Lisboa) — Fique tranquila. O seu pedido será levado em atenção. De hoje em diante esse nome sairá completo. E desculpe, sim?

DETECTIVE DE CALÇAS (Coimbra) — Como tem vindo publicado várias vezes, podem enviar problemas, sem prazo, pois destinam-se aos vários e consecutivos Concursos Mensais.

DETECTIVE AÇOREANO (Lisboa) — Acede gostosamente a corresponder-se com J. A. S. (Estoril), por intermédio desta secção.

V. SILVA LOBO (Luso) — Se estivesse certa... a sua solução seria magnificamente bem deduzida!

REPÓRTER MISTÉRIO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 25 (Respostas:)

1.º — Acácio Xavier da Gama suicidou-se. Servindo-se da gaveta entreaberta desfechou o revólver mesmo junto da fonte direita, pois apesar dos dedos partidos ele pôde segurar o revólver com a mão direita e fazer com que o gatilho se desfechasse empurrando-o contra o bordo da gaveta.

2.º — Não houve assassino.
3.º — Não houve nenhuma dama misteriosa. Simplesmente, Acácio Xavier da Gama, antigo artista de circo, era ventríloquo e preparou tudo de maneira a fazer-se passar por vítima dum crime. Aliás, se houvesse alguma dama nunca poderia sair, sem que Rodrigo dos Santos a visse.

4.º — Na época venatória (de Setembro a Janeiro)... Num dos dados diz-se que Marcos lá partir para uma grande caçada, no dia seguinte.

5.º — Pertenciam a Lúcio Xavier da Gama, o único que preferia cigarros estrangeiros, enquanto todos os outros usavam tabaco nacional. Esses restos de cigarro foram postos no cinzelro propositalmente para comprometer Lúcio.

6.º — Porque Acácio Xavier da Gama a pôs lá com premeditação, para dar a ideia de que a chave fóra atirada pela abertura existente entre a base da porta e o solo.

7.º — Acácio Xavier da Gama detestava o filho mais velho, mas este seria o herdeiro total no caso da sua morte, segundo consta das declarações. Como ele sabia pelo médico que não viveria muito tempo, preparou as coisas para se suicidar, de maneira que as suspeitas dum crime

caíssem sobre Lúcio. E este, pela força da lei, seria desherdado em favor de Marcos.

8.º — A gaveta estava entreaberta de propósito para ajudar o revólver a disparar-se. Acácio Xavier da Gama calculara que ninguém poderia pensar que ele tivesse puxado o gatilho com os dedos partidos da mão direita. O bordo da gaveta fez o papel dos dedos...

9.º — Rodrigo dos Santos falou verdade, pois as suas declarações condizem absolutamente com as de Francisco e as de Marcos Xavier da Gama.

10.º — As vinte e uma horas estavam na vivenda Mar Belo apenas três pessoas: Acácio Xavier da Gama, seu filho Marcos e o criado Francisco.

Rodrigo dos Santos chegou pouco depois das vinte e uma horas, e Lúcio Xavier da Gama entrou às vinte e uma e dez minutos, como ele próprio afirmou.

11.º — Não houve cúmplices no crime, porque não houve crime.

12.º — Se ninguém ouviu o ruído do tiro, o revólver era silencioso. Não apareceram impressões digitais, porque Acácio Xavier da Gama tinha na mão a carta amarrada com que segurara o revólver no momento do suicídio.

13.º — Acácio Xavier da Gama planejou o suicídio para essa noite. Esperou que Rodrigo dos Santos chegasse e simulou a discussão, na qual apareceu várias vezes o nome de Lúcio. Depois, como estava tudo preparado (gaveta entreaberta, chave caída, restos de Camel), acabou com o resto. E suicidou-se...

QUADRO DE MÉRITO dos solucionistas do problema n.º 24 (Por ordem alfabética)

MÉRITO ASOLUTO:

(15) «Philo Vance» (Lisboa).

MÉRITO RELATIVO:

- (17) Alberto de Penamacor (Coimbra).
(6) All-Round Detective (Maфра).
(14) António C. Bernardo (Loures).
(13) Arturo Silvani (Lisboa).
(3) Camp (Mantelgas).
(2) Detective Açoreano (Lisboa).
(4) Detective Águla (Lisboa).
(14) Detective de Calças (Coimbra).
(3) Detective Enrascado (Lisboa).
(5) Detective Vaos (Pôrto).
(13) Ele e eu (Lisboa).
(7) Elvira de Castro (Erme-zinde).
(6) Esój Rapsag (Covilhã).
(10) Fanasha (Coimbra).
(3) Fantoma (Lisboa).
(20) Fernando Edgar Trigo (Erme-zinde).

- (11) Fernando Rosa (Leiria).
(4) Homem-Lua (Lisboa).
(2) Inspectora Coral (Lisboa).
(7) Inspector Manardo (Setúbal).
(5) Inspector Montenegro (Pôrto).
(18) Ivone Costa (Lisboa).
(12) José Bálsamo (Lisboa).
(7) José de Sousa (Pôrto).
(23) Leiria Dias (Lisboa).
(18) M. (Algés).
(17) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
(19) Mimi Sherlock-Holems (Lisboa).
(9) Ofíoda Amil (Famalicão).
(15) O Lóbo Solitário (Pôrto).
(3) Repórter Licam (Pôrto).
(3) Rocanoll (Nelas).
(17) Rómulo (Lisboa).
(14) R. F. (Lisboa).
(8) Sete de Espadas (Aguialva).
(2) Somos dois de Braga (Braga).
(18) Telmoso n.º 1 (Loulé).
(22) Zirteba (Lisboa).

MISTÉRIO E AVENTURA

CONCURSOS MENSAIS

DE

MISTÉRIO E AVENTURA

ARQUIVO DE PROBLEMAS

Foram enviados para estudo mais os seguintes problemas:

O Crime do Jogador — por Artur Varatojo (Lisboa).

Um caso estranho — por Detective Vaos (Pôrto).

O mistério das chaves — por Gírbibi (Lisboa).

Um crime perfeito — por R. F. (Lisboa).

A estranha morte de Fernando Leiria — por Natércia Leite (Lisboa).

Quem matou? — por Detective Vaos (Pôrto).

Passeio fatal — por Vriato Pereira Leite (Lisboa).

REGULAMENTO GERAL

No próximo número publicaremos o regulamento geral que orientará os futuros Concursos Mensais de «Mistério e Aventuras».

QUAL SERÁ A SUA OPINIÃO?

Apesar de haver já amontoadas sobre a nossa mesa de trabalho algumas opiniões atrasadas, continuamos com este curioso e oportuno inquérito aos leitores da página de «Mistério e Aventuras».

Cabe agora a vez de pedir a Alberto de Penamacor, José Bálsamo, Elvira de Castro e Fernando Edgar Trigo para darem, por escrito, e sucintamente a sua opinião sobre esta página e sobre os próximos Concursos Mensais.



Problema Fisiológico

COMO só depois de feito o balanço da classificação dos solucionistas da 1.ª série é que será iniciada a 2.ª série, ou seja os Concursos Mensais — aproveitamos este interregno para propor um pequeno problema fisiológico. Leitores, reparem bem nestas fotos. Há aqui uma mulher que matou outra mulher, por amor dum homem, com uma crueldade impressionante. E há,

também, um driso profissional da polícia que descobriu todo esse intrincado caso passional. Analisem as expressões com cuidado. E, apenas pelas fisionomias, vejam se descobrem a assassina, a vítima, o polícia... e o outro.

(Ver respostas no próximo número)



Emília Duque

(Continuação da pág. 8.)

— Por paixão. Não foi por amorismo nem snobismo. Sou do Ribatejo, de Santarém, os grandes espectáculos sempre me seduziram... Nós atentamos melhor nesta rapariga culta, desvoolta e «elancée»...

E Emília Duque sorri:
— Sim, já me viu, fiz o papel de «Albertina», o ano passado, nas provas de exame de Fernanda Martins, outra rapariga cheia de talento para a farsa, mas que nada ainda conseguiu...

E nós recordamos que, de facto, Emília Duque fez como verdadeira actriz o seu papel de ingénua-1900, na peça de André Brun, «Cavalheiro respeitável»... Como foi que nenhum empresário deu conta de que estava ali um verdadeiro temperamento de actriz a aproveitar?

E ainda Emília Duque que nos elucida:

— Ainda consegui um pequeno contrato na empresa que funcionou, de Verão, no Ginásio. Apareci, episódicamente, em «A malvada», mas houve circunstâncias especiais que me afastaram da cena... De resto, nessa altura tive de seguir para Madrid...

— Foi filmar?
— Mistério... Por enquanto, só posso dizer que fui trabalhar na minha condição de artista... futura. Nós insistimos:

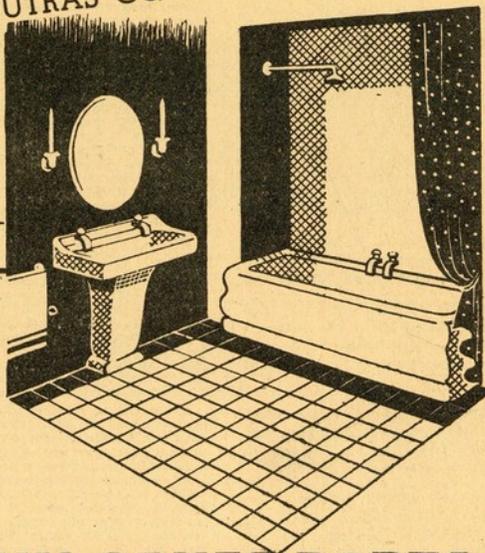
— E além de tudo isso...
— Tenho feito pequenos recitais na Rádio... e aguardo a minha boa estrela para trabalhar e ser notada pelos críticos...

— Acha que eles...
— Deviam ser serenos e severos críticos dos novos, demorar-se um bocadinho mais nas suas referências e dar os seus conselhos...

Nós estamos inteiramente de acordo com Emília Duque. Não haverá por aí algum empresário que lhe dê razão?



OUTROS TEMPOS!
OUTRAS COMODIDADES!



A SUA CASA DE BANHO
DEVE SER HIGIÊNICA
CÓMODA E MODERNA

EST.ºS JOAQUIM GOMES PORTO

DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS DA FUNDIÇÃO DE OIRAS
RUA DO LORETO 61 LISBOA · TELEFONE 22667



Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADETINA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE CÔÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

E UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em tódas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



INVERNO...

REUMÁTICO...
PARALISIA DA VIDA!

Algumas fricções de

BAUME BENGUÉ

e a vida continuará

NÃO DEIXE QUE AS DORES REUMÁTICAS LHE TOLHEM OS MOVIMENTOS

Adquira por Esc. 16\$00, em qualquer Farmácia, uma bisinga deste bem conhecido



BAUME BENGUE

O ANALGÉSICO DAS DORES

Faça a vida mais barata!

FAZENDO AS SUAS COMPRAS NA

RUA DO TELHAL, 67

Artigos para homem e senhora, malas, carteiras, fatos, MEIAS, etc., etc.

CONSULTE O NOSSO SISTEMA DE FACILIDADES DE PAGAMENTO

Carta aberta sobre o próximo Natal

Queridas leitoras:

AO iniciar esta carta dirigida a todas vós, pressinto que vão ler um encolher de ombros, enquanto pensam: «que coisas novas nos poderá ela trazer sobre o Natal?».

E precisamente eu não vos venho dizer, não vos quero dizer nada de novo sobre essa data de festa e alegria que se aproxima. Pretendo apenas despertar esse bemaventurado sentimento de solidariedade que existe nos vossos corações — que tem existido em muitos corações desde o alvorecer do mundo, mas tão raramente aproveitado.

Como todas sabem, o Natal é uma data de paz, de amor, de carinho e de perdão. Jesus Cristo, esse menino que nasceu há 1944 anos, desejará talvez que nesse dia se reúnissem a família do mundo inteiro — do mundo inteiro — unida pelo mesmo sentimento de amor, de paz e de alegria. Jesus Cristo, decerto, gostaria também de ver todas as raças, todas as classes e todas as ideologias de mãos dadas, nessa hora primeira do dia 25 de Dezembro, comungando num só pensamento: o de tornar o mundo cada vez mais belo e cada vez melhor...

...Mas, infelizmente, nem a família do mundo inteiro se reúne na noite de Natal, nem as raças, as classes e as ideologias se servem pelo mesmo pensamento. Uns, porque andam lutando ferozmente nos campos de batalha, esquecidos, talvez, do Natal. Outros, porque se desviaram do caminho verdadeiro e abrem os olhos na escuridão da noite, tentando buscar a luz. Outros ainda, porque renegaram o amor do próximo. E outros, finalmente, porque querem mas não podem festejar o Natal. Não podem porque são doentes; não podem porque estão famintos; não podem porque têm frio; não podem porque vivem na miséria.

E é precisamente destes que vos quero falar. Não é necessário ser cristão para sentir o amor pelo próximo. Basta que sejamos humanos. Porque não buscar um dia ao menos, um dia somente em cada ano, no qual cada responsável por um lar procure, também, interessar-se por outro onde o fogo não aqueça, onde a fome torne os rostos macilentos, onde o desespero ponha gritos de revolta nos lábios ressequidos dos que sofrem?

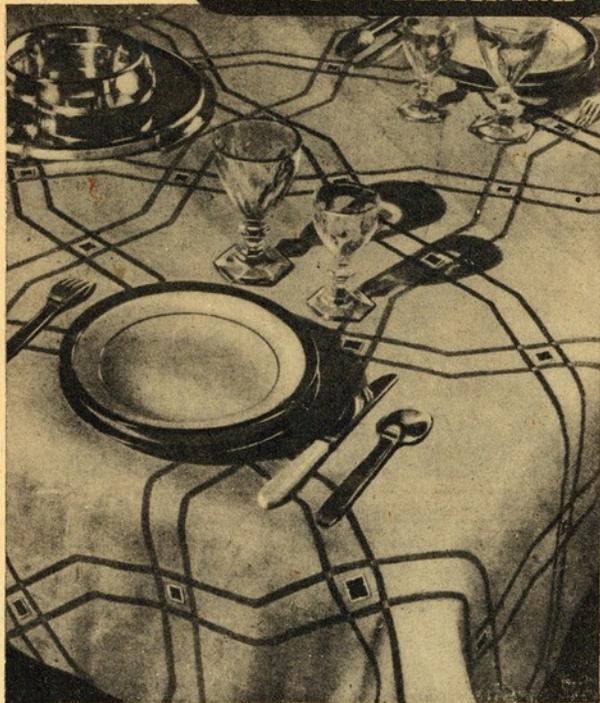
Para esses que nada têm, qualquer coisa que lhe possamos arranjar com interesse e com humildade, saber-lhes-á melhor do que a nós, todo o conforto do nosso lar, acreditem! E é tão fácil, tão fácil!... Quem não conhece uma família pobre? Quem? Qual de nós, mulheres, poderá resistir à alegria edificante de vermos sorrir olhos que choravam, e saber que fomos nós — nós — que transformámos, sem esforço, essas lágrimas em risos. Depois, à noite, quando toda a nossa família estiver connosco e nos lembrarmos da outra que ficou sorrindo — apesar dum casa sem conforto, apesar dos desgostos e privações de todos os dias — estou certa que uma paz consoladora descerá sobre nós, e a nossa alegria será mais sé, o nosso riso mais digno de existir!...

Que ao menos nesse dia bendito haja solidariedade, paz e amor em todos os corações.

Perdoai-me, leitoras, se apenas consegui aborrecer-vos, mas permiti-me que insista: não deixeis de adquirir o valor da sinceridade dum sorriso que se nos dirige ainda salpicado de lágrimas!...

A todas um feliz Natal e um Ano Novo portador de paz e felicidade!

MARIALIA



OS NOSSOS DESENHOS

Este desenho, composto de duas linhas paralelas bordadas em ponto cruzado e dispostas umas sobre as outras formando figuras geométricas, mostra um conjunto bastante interessante.

Pode ser feito em tecido branco, creme ou levemente rosado, bordado com três tonalidades de algodão canela. Em cada quadrado, o centro é também decorado. A ponta, a toalha é acabada com um ponto alto e junto, fazendo o contorno em caseado.

Qualquer leitora que deseje o desenho ampliado deve enviar para esta secção, juntamente com o pedido a importância de \$500 e mais 1\$00 para porte de correio. Também enviamos amostra do ponto mediante o acréscimo de mais 2\$00. (Para maior facilidade, pode vir toda a importância em selos de correio).

Para os seus filhos

DOIS MODELOS PARA A ESCOLA

1) Vestido de lã muito prático, em dois tons, fazendo um bonito conjunto e admirável para um arranjo.

2) Vestidinho em lã escocesa, enfeitado num tom liso.



CONJUNTO AMERICANO

Modelo original duma das mais famosas casas de modas de Nova-York.

O regalo pode ser de «astrakan» ou outra pele que não seja crasés.

O lenço deve ser de cores vivas e variadas.

A luva é de cabedal.

O sapato é do tom predominante do lenço.



A BELEZA DA LINHA USANDO OS PRODUTOS



Receita da semana

ARROZ À CAMPONESA

Faz-se um arroz comum e, ainda quente, junta-se-lhe duas colheres de manteiga e duas de queijo e, quando quasi frio, duas gemas cruas, mexendo-se bem. Aparte, tem-se cozinhado um pouquinho de feijão verde, tenro, uma cenoura grande cortada em tirinhas, que se passam em manteiga. Arrumam-se esses legumes no fundo de um prato de ir ao forno e sobre eles despeja-se o arroz preparado. Abre-se bem a superfície do arroz e cobre-se com uma camada de farinha e queijo ralado, enfeita-se com azeitonas descarocadas, rega-se com manteiga derretida e alourada e leva-se ao forno para tostar.

A RECEITA DA SEMANA

MITUCHA — Não é possível publicar, da forma como desejava, os modelos pedidos para a sua festazinha. Posso, contudo, enviá-los o mais breve possível, particularmente, caso assim o deseje. Para isso fico aguardando a morada para onde os devo mandar. Agradeço os beijos para a minha Anisabel. Cria-me sempre ao seu dispor.

MARIA AMÉLIA — Para os seus móveis de tom claro deve escolher os tapetes «grenat» e azul vivo, conseguindo assim melhor efeito decorativo.

PÁGINA DAS UTILIDADES



O VALOR DE QUALQUER DESENHO EM PRETO OU COLORIDO AUMENTA-SE SE UTILIZAR OS LÁPIS DA MARCA

Caran d'Ache

REPRESENTANTES
GERAIS

DONKEL & ANTUNES, L.^{da}

R. AUGUSTA, 56-1.^a

TELEFONE 2 4251

* LISBOA *

PHILIPS



1945

SONORIDADE PERFEITA

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 2 4888



FÁBRICA PORTUGAL



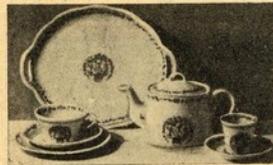
CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA

SALÕES DE VENDA:

RUA FEBO MONIZ, 2-2.
PR. RESTAURADORES, 40-87
AVENIDA DA REPÚBLICA, 87
RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONES
47157-8-9
2 4948 • 4 1189 • 49109

L I S B O A



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármorez Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643

FOGÕES E FOGAREIROS

A GAZ, NACIONAIS E ESTRANGEIROS



FOGÕES

A LENHA OU A CARVÃO

ARTIGOS DE CASA DE
BANHO, TELEFONIAS,
CANDEIROS E UTEN-
SÍLIOS ELÉCTRICOS



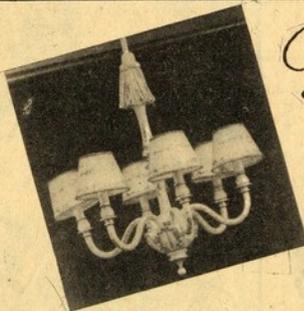
A PRONTO E COM FACILI-
DADES DE PAGAMENTO



J. COSTA & SILVA, L.^{da}

RUA ARCO BANDEIRA, 97-1.^o
LISBOA — TELEF. 26 723

Atende-se a provincia



Decorar a sua casa
com economia e bom
gosto com lustres
e candieiros

C. MILLER

em vidro, metal,
louça, madeira, etc.

Fabricação de artigos
decorativos e bibelots
inspirados na arte italiana

À VENDA NAS BOAS CASAS

FABRICANTE C. MILLER

6, RUA EDUARDO COELHO, 8 ~ LISBOA ~ TEL. 28813

PRECA NA SUA PAPE-
LARIA OS PRODUTOS
«HORUS» TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LÁCRES E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.^{da}

FABRICAS: TRAY, DOS AGUAS BOAS, 11
TELEFONE 5 8-437
RUA FÁBRICA DE PÓLVORA, 22-A
TELEFONE 4 1-431
LISBOA

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

NO dia 30 de Novembro, um jornalista britânico descrevia assim o aspecto da capital da Bélgica: «A débil luz deste sol de inverno, os polícias de capote branco e capote passavam aos pares pelas ruas. A circulação dos eléctricos é quasi nula. Pelos passeios, pequenos grupos de pessoas lêem avidamente os panfletos que lhes metem nas mãos, sob o melhor disfarce. Hoje, em Bruxelas, vive-se numa tensão política muito semelhante à dos países balcânicos. Ninguém ainda esqueceu a efusão de sangue, ocasionada há pouco, quando a polícia fez fogo contra um grande grupo de manifestantes».

Deve ter sido este o primeiro reconto de importância para a manutenção da ordem num país onde, três meses depois da libertação, as sementes duma grave crise política intumesceram e criaram raízes. O renascimento da democracia nas nações que, durante quatro anos, estiveram ocupadas pelos nazis, está a revelar-se bastante difícil. E, tanto mais difícil porquanto, na Bélgica, ainda não foi possível resolver qualquer dos quatro grandes problemas cuja solução deve ser encarada pelo Governo de cada país que foi libertado.

No presente caso, as causas da agitação são fáceis de explicar e apresentam-se com extraordinária clareza. São elas: a deficiente alimentação da população; as medidas

a um assunto, imediatamente aparecia outro.

O ministro das Finanças, sr. Gutt, fez publicar, por exemplo, uma série de decretos, com o fim de evitar a inflação do franco belga e esmagar decisivamente o «mercado negro». Mas esses decretos foram considerados injustos, porque a gente pobre, que tinha conseguido fazer modestas economias durante a guerra, viu o seu dinheiro congelado nos Bancos, ao mesmo tempo que verificava que o «mercado negro» não fora eliminado em consequência do governo não ter conseguido arranjar um mercado legal para o substituir.

Além disso, as medidas tendentes a coligir os meios de transporte necessários para distribuir géneros alimentícios não foram suficientemente enérgicas. Muitos agricultores recusavam-se a vender os seus produtos a preços inferiores aos do «mercado negro», e assim se chegou a um momento em que o Governo verificou a necessidade de melhorar, numa semana, a situação alimentar ou, então, demitir-se.

Realizados os necessários esforços para acalmar esta tempestade, o Governo viu-se, imediatamente, a contas com as exigências do movimento de resistência, cujos componentes pediam em termos insistentes e, um tanto ou quanto agrestes, que lhes fossem reconhecidos os serviços prestados e confiados emprêgos remunerados.



Antes de regressar de Londres à sua pátria, Pierlot diz o seu adeus e agradece à Inglaterra o franco apoio e acolhimento feito ao seu Governo

AS CAUSAS DA AGITAÇÃO NA BÉLGICA

a tomar quanto ao futuro dos membros de resistência clandestina; a depuração dos traidores e colaboradores e a formação dum Governo que disponha da confiança e do apoio absolutos da nação.

Tais são, presentemente, as principais preocupações dos governantes belgas. Estes problemas encontravam-se, até aqui, obscurecidos e camuflados pelo entusiasmo dos primeiros dias de libertação. E, exactamente por este motivo, criaram raízes profundas sem que ninguém notasse.

Nos primeiros tempos, toda a população começou a gastar as suas reservas alimentares, e isto deu a impressão, àquelles que chegavam de fora, que na Bélgica a situação não era tão má como se pensava. Na mesma ordem de idéias, o Governo exilado do sr. Pierlot foi aceite, sem discussão, dentro da atmosfera de boa vontade em que se viveu de início.

Por seu turno, o Movimento de Resistência estava no auge dos seus êxitos e limitava-se a esperar as recompensas duma nação agradecida, enquanto os colaboracionistas procuravam apagar os traços das suas acções anteriores por meio do aboletamento de oficiais aliados em suas casas.

Mas, pouco depois, as nuvens cor-de-rosa eram levadas por ares e ventos, e aparecia a dura realidade. Hoje uma, amanhã outra — as complicações surgiam de dia para dia e, logo que o Governo tentava aperfeiçoar as medidas para fazer frente

De reivindicação em reivindicação, os membros das organizações de combate principiaram a acusar o Governo de ser reaccionário, incompetente e defensor dos colaboracionistas, ao mesmo tempo que exigiam a rápida liquidação dos elementos pró-nazis e o direito de tomar parte na defesa do país.

Os homens do «maquis» continuavam armados e principiaram a circular histórias fantásticas. Disse-se que eles aterrorizavam os agricultores, obrigando-os a partilhar os seus produtos a baixos preços. Afirmou-se que se aproveitavam da depuração dos colaboracionistas para satisfazer vinganças pessoais. Acrescentou-se que todos aquéles que se tinham agregado às forças de resistência, depois de 3 de Setembro, eram absolutamente pró-alemães antes dessa data.

Em face de tão grave situação, o general Eisenhower pediu ao Governo de Pierlot que resolvesse os problemas pendentes o mais depressa possível, visto que tais complicações estavam a ameaçar seriamente o esforço de guerra anglo-americano.

Pierlot declarou que estava na disposição de consentir na entrada de 40.000 membros do Movimento de Resistência para as fileiras do exército; mas que esse consentimento não podia ser dado imediatamente, em virtude de não haver uniformes em número suficiente para tanta gente. Por isso, pedindo-lhes que, entretanto, entregassem as armas e se conservassem em casa até nova ordem.

As organizações de resistência re-

plicaram que não tinham confiança em promessas feitas em tais circunstâncias e, além disso, exigiram que o seu alistamento se fizesse em grupos com os seus respectivos oficiais. O chefe do Governo belga disse que isso era impossível e ordenou que, fossem quais fossem as suas reivindicações, deviam entregar sem demora as armas que tivessem em seu poder.

O ministro do Partido da Resistência e dois ministros comunistas demitiram-se e, assim, se iniciou a primeira grande crise ministerial belga, que foi solucionada pela entrega das armas em seus respectivos oficiais.

Na resolução desta questão, o governo de Pierlot procurava apenas cumprir as determinações, claramente expressas, de Eisenhower; porém, os partidos da Resistência e comunista eram de opinião que os Aliados estavam mal informados e que a decisão tomada era imprudente. Por esse motivo, iniciaram uma série de greves e demonstrações públicas, com as quais pretendiam obrigar o Governo a demitir-se ou a ceder. A desorganização era, portanto, completa. A população, que sofrera a ocupação durante quatro anos, entrou abertamente em conflito com um governo que, durante esse tempo, estivera exilado...

Hoje, a situação alimentar parece já ter melhorado um pouco; mas, o «mercado negro» não foi eliminado e as medidas contra os colaboracionistas continuam a ser consideradas excessivamente brandas, ao mesmo tempo que aquéles que arriscaram

a vida no «maquis» continuam, igualmente, sem situação oficializada.

Como se depreende da exposição dos acontecimentos, a Bélgica, por ora, não representa — nem nunca poderia representar em semelhantes circunstâncias — nada no esforço bélico das Nações Unidas. A esperança mais próxima de normalização reside nas eleições gerais que a população começa a exigir, mas para as quais os partidos políticos não parecem estar preparados.

Por exemplo, os conservadores sabem de antemão que os comunistas podem ganhar lugares adicionais na Câmara, os socialistas receiam ser desalojados pelos comunistas e estes temem que as eleições demonstrem que a verdadeira força de que dispõem seja muito inferior àquela que proclamam ter.

A Bélgica encontra-se, indiscutivelmente, envolta numa nuvem de problemas que, na verdade, são basicamente resultantes do caos provocado pela ocupação e pela libertação. O que ali está a passar-se pode vir a acontecer em todos os outros países que se encontram nas mesmas condições; por isso, o caso tem especial interesse, pois as lições dele tiradas só facilitarão a solução de outras questões semelhantes que venham a suscitar-se, mas também evitarão quaisquer futuros excessos de preponderância e força que são tanto mais reprováveis por quanto os estadistas, candidatos à chefia das nações da Europa libertada, se intitulam partidários da harmonia, de transigência e da liberdade.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO
(Sobrinho)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

O partido nacional-socialista holandês, chefiado por António Mussert, era decalco do fígurino alemão. Constituiu, no fundo, mais do que um agrupamento político, uma força militarizada, ao serviço duma doutrina do Terceiro Reich. Os nazis holandeses usavam um uniforme especial e não ocultavam os seus propósitos revolucionários. Em consequência disso, o governo holandês foi obrigado a tomar medidas especiais de vigilância a seu respeito. Calcula-se que, em 1939, aquele partido representava cerca de três por cento do eleitorado de todo o país.

Durante os nove dias que durou a luta na Holanda contra as forças alemãs de invasão, os nazis holandeses intervieram activamente na luta, facilitando a acção dos alemães contra os seus compatriotas. Esta atitude cavou um abismo profundo entre os nacional-socialistas e o resto da população holandesa. Esta não admitia que as preferências ideológicas dum sector da opinião pública se sobrepusessem à compreensão e à defesa do interesse nacional, interpretado pela rainha e pelos seus ministros. Foi esta a causa da incompatibilidade irremediável que, desde a data da invasão, se criou entre os membros do «N. S. B.» e os restantes partidos holandeses, incompatibilidade que se acentuou à medida que se prolongava a duração da ocupação do país e se acentuava o rigor das medidas a que esta dava lugar.

O partido nacional-socialista holandês foi, como é natural, o principal beneficiário da invasão, e adquiriu, com ela, uma importância que nunca decerto teria alcançado noutras circunstâncias. A sua influência na vida pública cresceu rapidamente, enquanto os restantes agrupamentos definhavam ou se viam impossibilitados de exercer qualquer actividade que não fosse clandestina. Mas o «N. S. B.» não constituiu na Holanda o único agrupamento de tendências pró-nazis, e cedo se estabeleceu uma rivalidade surda entre ele e as organizações conhecidas por N. S. N. A. P. e por Frente Nacional, ambas penetradas duma formação filosófica e política idênticas à sua.

O PARTIDO DA UNIDADE NACIONAL

O primeiro destes agrupamentos, chefiado pelo dr. Van Rappard, preconizava a anexação pura e simples da Holanda ao Reich, e não suscitava por isso senão um número muito limitado de adeptos. O segundo, chefiado por Arnold Meyer, desapareceu rapidamente em seguida à ocupação. O seu chefe proclamara-se o Führer holandês, mas esta declaração não bastara para que os seus compatriotas o seguissem em grande número. Sem concorrentes

sérios, o engenheiro Mussert e o seu partido triunfaram rapidamente e passaram a desempenhar o primeiro papel na vida do seu país durante a ocupação.

Os obstáculos não tardaram, porém, a surgir no seu caminho. Em Julho de 1940, três individualidades de grande influência na Holanda, cada uma delas pertencendo a um antigo partido político, reuniram-se e decidiram fundar um grupo a que deram a designação de «Nederlandsche Unie». Eram o dr. Linthorst Homan, governador da província de Groníngue, o professor de Quay, da Universidade católica de Tilburgo, e o chefe da polícia de Rotterdam, dr. Elthoven.

De começo, as directrizes preconizadas pelo novo agrupamento eram tímidas e hesitantes. Muitos dos antigos chefes políticos combatiam-no vivamente por ele representar uma colaboração atenuada com os ocupantes. No seu programa, por indicação do Comissário do Reich, havia sido omitida qualquer alusão à Casa de Orange e aos seus direitos. Esta omissão desgostara um grande número de holandeses que, através de tudo, pensavam que a casa reinante era o símbolo vivo da independência e da grandeza nacional. Além disso, o programa apresentava outras lacunas de importância e o seu traçado geral era bastante confuso e desconexo. Mas, à medida que o tempo passava e os acontecimentos decorriam, os holandeses convenceram-se de que a sua fundação obedecera, sobretudo, ao propósito firme de contrabalançar a influência crescente do partido chefiado pelo engenheiro Mussert, e que, sob esse ponto de vista, a sua acção podia traduzir-se por consequência que diminuíssem os rigores da ocupação, a qual se tornava cada vez mais exigente à medida que a guerra se prolongava e criava novas e cada vez maiores complicações para o Terceiro Reich.

DISSOLUÇÃO DO PARTIDO DA UNIDADE NACIONAL

Quando essa convicção se radicou entre os holandeses, começaram a afluir as adesões ao novo agrupamento. Em Outubro de 1940, contava ele já meio milhão de aderentes, e em Fevereiro do ano seguinte este número estava elevado para oitocentos mil. O seu jornal, «De Unie» (A União), tirava centenas de milhares de exemplares. Várias medidas adoptadas pelas autoridades de ocupação contra esse agrupamento e os ataques reiterados que contra a sua actividade formulava o partido nacional-socialista holandês, mostravam claramente que essa actividade inquietava profundamente as autoridades de ocupação e os partidários

da Nova Ordem europeia na Holanda.

A venda pública do seu órgão jornalístico foi, pouco depois, proibido. Mais tarde a circulação do jornal foi completamente proibida. Por último, foram proibidas as suas reuniões públicas, o uso dos seus emblemas e a organização dos seus serviços de ordem. A vida tornou-se, por fim, impossível tanto para os seus dirigentes como para os seus filiados.

Esta luta desigual terminou quando da invasão da U. R. S. S. pelas tropas alemãs, em Junho de 1941. Os dirigentes do partido foram intimados a pronunciar-se publicamente, tendo-o feito com uma declaração inserida no seu jornal, que dizia o seguinte: «As actuais circunstâncias em que se encontra o povo holandês impossibilitam-nos de definir uma posição na guerra entre a Alemanha e a Rússia. Só o poderíamos fazer gozando de inteira liberdade de acção e com um governo independente». Depois disso foi definitivamente proibido a circulação do jornal «De Unie», e em Dezembro o partido foi dissolvido. Esta decisão tornou-se extensiva a todas as organizações existentes, e o partido nacional-socialista passou a ser o único tolerado na Holanda.

Durante os meses que se seguiram, esta situação não sofreu qualquer alteração apreciável. Isso convenceu Mussert de que o poder não tardaria a ser-lhe inteiramente confiado, hipótese que nunca chegou a verificar-se por várias razões de política interna e externa, o que não impediu que a sua influência na vida da nação e do Estado continuasse a fazer-se sentir, embora sempre condicionada pelas exigências da ocupação.

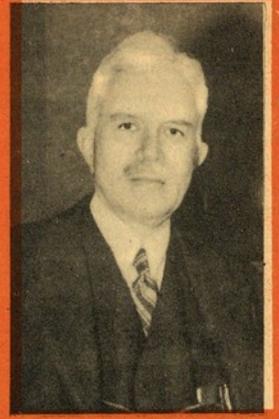
A ACÇÃO DE ANTÓNIO MUSSERT

Esta decisão de não entregar completamente o poder ao partido nacional-socialista holandês foi, sobretudo, influenciada pelo que se passara na Noruega, onde uma experiência idêntica, feita com o major Quisling, se liquidara por um malogro completo. Ao mesmo tempo as autoridades de ocupação não podiam deixar de se mostrar sensíveis à diminuição de popularidade crescente do chefe nazí. De facto, o engenheiro Mussert via os seus créditos diminuir incessantemente, e isso reflectia-se nas suas probabilidades para o exercício do poder na sua pátria.

Mussert procurou convencer as autoridades de ocupação das vantagens de lhe ser confiada a direcção dos negócios públicos e para esse efeito iniciaram-se conversações entre ele e o dr. Seys Inquart, as quais se prolongaram durante algumas semanas. Essas conversações tiveram o seu epílogo numa viagem que aquele político holandês fez a Berchsgaden, em Dezembro de 1941, para se avistar pessoalmente com o Führer. Este proclamou Mussert fuhrer dos holandeses, tomou com ele o compromisso de que o seu partido seria consultado em todos os assuntos importantes de política e de administração, mas recusou-se a confiar-lhe o poder. Esta decisão irrevogável provocou um descontentamento compreensível entre os nazis holandeses que tiveram de se submeter a ela.

Em 13 de Dezembro de 1942, realizou-se em Amsterdão um congresso para celebrar o 11.º aniversário da fundação do partido «N. S. B.», concorrendo a ele os mais categorizados elementos que haviam acompanhado Mussert desde o início da sua carreira política. Este pronunciou, nessa altura, um extenso discurso, relatando toda a actividade do agrupamento que fundara, antes e depois da invasão do território holandês, e pondo em relevo a importância da luta travada na Europa, especialmente desde que a guerra se alargara à frente oriental. Nesse discurso Mussert afirmou, de novo, a sua fidelidade ao Führer, o que significava que o seu afastamento do poder não impedia que ele continuasse a advogar o programa inicial da inteira subordinação do partido às directivas vindas do Reich. Esta atitude valeu-lhe o reconhecimento do Führer expresso em mais duma ocasião.

(Continua)



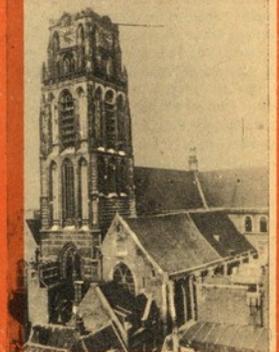
O grupo político chefiado pelo Dr. Rappard pedia a anexação, pura e simples, da Holanda ao Reich. Essa pretensão tornou-o, por consequência, impopular e depressa vencido pelos nazis chefiados pelo engenheiro Mussert.



A família real holandesa, quando a guerra a impeliu a tomar o caminho, chegou a Londres em condições dramáticas. Ao lado da rainha Guilhermina, está o príncipe consorte que pouco depois seguia para o Canadá, a tomar parte activa nos problemas da guerra.



António Mussert, chefe do partido nacional-socialista holandês foi uma figura célebre da ocupação que, todavia, não conquistou as boas graças populares nem obteve de Hitler as rédeas do poder.



As belas igrejas de Roderdão ficaram completamente destruídas, na sua maioria, pela arma alemã e pelos ataques Aliados para desalojar os ocupantes. Esta é a igreja de S. Lourenço.



PEQUENO MUNDO COSMOPOLITA

FOI no século XII que a cidade de Pequim se começou a erguer, construída por jovens páldos de olhar profético. Eles queriam dotar a velha China duma cidade duplamente sagrada: sagrada pelo privilégio de ser a cidade dos Deuses, e sagrada, também, por se tornar a cidade-jóia, onde todos os prazeres do mundo teriam a sua mais bela encruzilhada.

Entretanto, apenas nos primórdios do século XV—Pequim conseguiu ser grande e imorredoura. O imperador Ming deu-lhe a imponência que lhe faltava. Alargou-a. E ela, a cidade soberana, estendeu-se por milhas e milhas de muralhas.

E desde aí—desde que os imperadores mandaram abrir três lagos imensos, quasi três mares, para os seus passeios particulares—Pequim ficou sendo a «Cidade dos três Mares»...

Pequeno mundo cosmopolita, Pequim encerra uma variedade enorme de raças, desde os santos maometanos até aos dançarinos russos, passando pelos capitalistas americanos, pelos filósofos nórdicos, pelas crianças filipinas, pelos industriais ingleses, pelos velhos milagreiros do Tibet...

Mas apesar de tudo isso—do seu luxo e das suas orgias, do seu internacionalismo e da mescla dos seus idealistas—Pequim é uma cidade sossegada, onde todos podem respirar o ar fresco, onde há jardins por toda a parte, onde cada casa é um lar, um doce lar...

E LÁ AO CENTRO FICA A CIDADE PROIBIDA...

Sim, mesmo no centro da cidade setentrional, pouco maior que a cidade meridional, ergue-se por entre fossos e muralhas reluzentes nas suas telhas côr de ouro, a célebre *Colina do Carvão*, que ampara, guarda e defende a não menos célebre e vetusta Cidade Proibida, a mais fascinante e maravilhosa das três partes em que se divide Pequim.

Rodeada dum lado pela Colina do Carvão, a oeste pelos três mares, do outro lado pela Torre do Tambor, a Cidade Proibida estende-se até que os seus últimos cinco pavilhões de vidro e os seus terraços de mármore raro vão morrer junto da sala do tronco...

Efeito prodigioso o da arquitectura dessa cidade, pois que todos os edifícios não têm mais do que um andar, em veneração e respeito pelo palácio do Imperador, que se ergue dominante e altaneiro, a namorar o lindo céu azul de Pequim.

E lá ao fundo, logo à entrada, os templos gigantescos parecem postos ali pelo próprio dedo dos Deuses. Todos os anos, com o seu séquito sumptuoso, os imperadores iam orar ao templo do Céu e ao templo da Agricultura, pelo futuro do seu povo e pela prosperidade das colheitas.

Cidade mágica, feita de lendas, cada pedra, cada monumento, cada pagode, cada jardim, tem a sua his-



PEQUIM

A CIDADE DOS TRÊS MARES

tória—uma história de enfeiticar...

Já alguém disse, e com toda a razão:

«Pequim é uma cidade-jóia, tal como os olhos do homem nunca viram. É uma cidade-jóia, de tetos de ouro, púrpura e azul régio, de palácios e pavilhões, de lagos e parques e de jardins de príncipes. É um adereço de jóias com os lados de púrpura das Colinas Ocidentais, a cinta azul da corrente da Fonte de Jade e os cedros centenários que desdenhosamente contemplam os séres humanos no Parque Central e nos templos divinos. E Pequim tem um céu tão lindo e uma lua tão graciosa, uns verões tão chuvosos, uns outonos tão frescos, uns invernos tão secos e chuvosos...».

Nessas palavras reflecte-se o entusiasmo sincero de quem compreende

Pequim e os seus mistérios, Pequim e as suas aventuras, Pequim e os seus exotismos.

A MARAVILHOSA CIDADE NOCTURNA

Tomar lugar num «richska», êses tradicionais pequenos carros de duas rodas puxado por um «cule», chinês malicioso e prestável, que tanto pode ser um velho andrajoso, de barbas sujas, como um jovem de riso aberto e de músculos rijos, e dar uma volta por Pequim, desde a cidade do Oeste até à cidade do Leste, correndo cinco milhas numa noite bonita de luar

— é um prazer que não se paga por preço algum.

Mal a noite cai e as sombras envolvem as ruas, a cidade toma aspectos fascinantes, quasi fantásticos. Encontram-se raparigas de salto alto e saias curtas que regressam a casa, afogueadas por uma tarde de «flirts», de desporto ou de trabalho, e que se cruzam com damas vagarosas, severas nos seus vestidos tradicionalistas, pesadas nas suas bulhentas solas de madeira. Encontram-se artistas e operários, magníficos automóveis e míseros carros de mulas, homens do passado, que parecem arrancados a gravuras antigas, e homens do presente, vivendo a agitação dos seus negócios e dos seus amores, das suas intrigas e dos seus ódios...

Depois, pelo caminho fora, no passo cadenciado do «cule», que não diz palavra e que possivelmente vai sonhando, surgem os restaurantes, quasi tão velhos como o tempo, em que criados de cabeça rapada vêm à rua atrair os frangues com mil e uma ladainhas acerca dos seus acepipes. E surgem, também, montras iluminadas, onde tudo se mistura, desde os livros de hoje às pinturas de ontem. E surgem ainda as crianças mendigas, nuas, brincando pelas bermas da estrada, como que indiferentes ao dia e à noite, ao sol e à lua, ao calor e ao frio...

Noites de Pequim. Noites belas, em que a lua anda alta reflectindo-se nos telhados de vidro e nas águas cristalinas e nas searas ondulantes. Noites misteriosas, em que há uma serenata estranha cantada não se sabe por quem, vinda não se sabe de onde. Noites únicas em que o tempo corre mais veloz do que nunca.

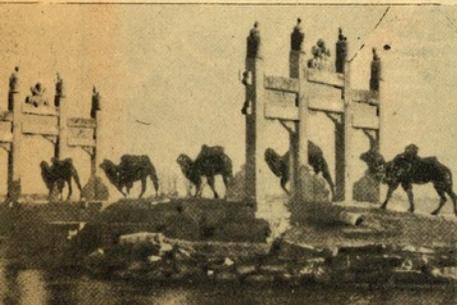
E quando a manhã chega e o «cule» segue sempre no mesmo passo cadenciado, como se a fadiga não fôsse com ele, a cidade parece outra, diferente. Continua, é certo, a ser estranhamente complexa, estranhamente contraditória. Dum lado ergue-se majestoso um hotel de linhas modernas, e do outro lado, em frente, existe uma ruela onde a vida é como há séculos atrás. Numa esquina, as lojas vendem artigos importados do mundo e na esquina oposta, os lojistas fumam ainda, placidamente sentados, os seus longos cachimbos de água...

Mas a manhã traz aspectos novos à cidade. A gente que anda pelas ruas, parece embebida em sonhos. Os movimentos são lentos, as falas exigidas. E, de longe em longe, há um vulto dormindo ainda, encostado às grandes alfarrabelas.

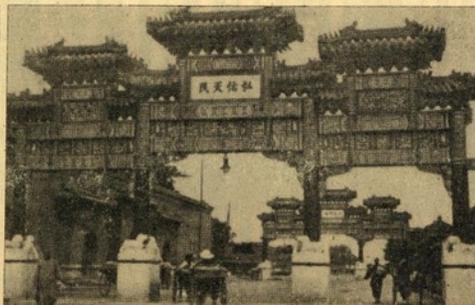
Contudo, a vida começa a agitar-se. Caravanas de camelos vão atravessando as portas históricas da cidade. Abrem-se os museus, os templos e as escolas. Daí a poucos momentos, Pequim será outra vez a cidade mágica em que se cruzam e confundem o Passado e o Presente— a cidade ideal onde tudo se passa sem que ninguém tenha nada com isso, onde os jogadores inveterados são amigos dos milagreiros santos, os pecadores dão conselhos aos crentes e os mendigos possuem palacetes.

Pequim, a cidade mais estranha do mundo!

GENTIL MARQUES



Quando a manhã nasce, surgem aspectos como este: uma caravana de camelos entrando em Pequim, pelas suas portas históricas.



É por esta porta bizarra e pitoresca que se entra na «Cidade Proibida».



Trechos da cidade, notando-se o contraste dos edifícios modernos com os edifícios antigos.



VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO





PÓ D'ARROZ "MONTEGIL"

UMA QUALIDADE SUPERIOR, ALIADA ÀS MAIS MODERNAS E LINDAS CÖRES

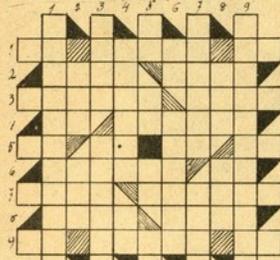
À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 58

Por José Rodrigues Correia (Viseu)



HORIZONTAIS: 1—Observa; cevar; artigo (ant.). 2—Escalcar; partir ao melo. 3—Musicata; nação. 4—Contração de preposição e de artigo; cidade da França. 5—Mostra-te alegre; utensílio; pronuncia o que está escrito; nome de letra; pl. 6—Aplica uma surra; prefixo designativo de movimento, direcção, etc. 7—Queime; prevines. 8—Embarcação ligeira com dois mastros e vela latina; tempo assinalado (inv.). 9—Só; abrigue; pronomes pessoais. **VERTICAIS:** 1—Ótimo. 2—Escava; prática. 3—Nome de mulher; mulheres de raça negra. 4—Ferir com seta; estás. 5—Partícula que no dialecto românico, falado no sul do Loire, significa *sim*. 6—Abreviatura de Antes de Cristo; em partes iguais; avançar. 7—Difícil (inv.); campo de oliveiras. 8—Preconize; advérbio latino que significa *também*. 9—Unidade das medidas agrárias; protecção (fig.). 10—Felicidades.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 57

HORIZONTAIS: 1—Amora; mapa. 2—Rola; rá. 3—Ora; pau; Sá. 4—Mo; rir; Job. 5—Abane; una. 6—Tio; tarso. 7—Ida; adi; rá. 8—Cá; aro; ver. 9—AA; liai. 10—Irra; borla. **VERTICAIS:** 1—Aromática. 2—Moro; Aida. 3—Ola; boa; ar. 4—Ra; ra; ar. 5—Pintar. 6—Areado. 7—Aru; ri; lô. 8—Pa; jus; vir. 9—Sono; real. 10—Rabaçarla.

ATENÇÃO

Para o Concurso de Palavras Cruzadas recebemos já diversos trabalhos. Os desenhos têm que ter o mínimo dez casas de lado e o máximo treze. A ortografia moderna também deve ser empregada.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 26

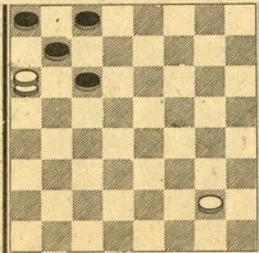
(Final artístico-simétrico)

«La Provincia», 14-12-944

Las Palmas—Espanha

Lema: «Lustada IX»

Pretas: 4 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 1 «pedra».

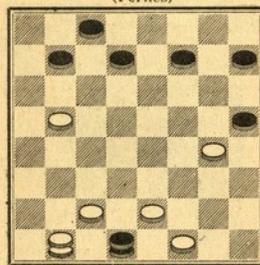
As brancas jogam e as pretas empatam.

ATENÇÃO

No próximo número começaremos a dar as soluções das composições já publicadas, do Concurso Internacional de Problemistas de «Damas».

PROBLEMA N.º 3

Por: Raúl Duarte Girão (Pernes)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÕES

Do problema n.º 55 (Concurso)

14-18	13-18	24-28	15-20	1-5
21-14	22-13	31-24	24-15	9-2
19-23	23-30	30-12		
2-4	16-7	P.	ganham.	

Do problema n.º 56 (Concurso)

10-14	3-6	4-7
18-11	11-2	29-27
7-16-23-30		
ganham.		
P.		

Do problema n.º 57 (Concurso)

27-30	30-23-10	20-23
9-27	3-17-30	30-20
16-30		
ganham.		
P.		

Do problema n.º 58 (Concurso)

8-12	15-6	6-13-22-29
25-18	22-15-8	28-19
29-12		
ganham.		
P.		

Do problema n.º 59 (Concurso)

1-5	10-14	3-13-22-31-24-11
2-9-18-11-4	4-18	29-25
11-6	6-10	ganham.
21-18	P.	

Nota—Ao final de jogo de «Lustada» publicado no n.º 184 de «Vida Mundial Ilustrada», com o n.º 19 (Concurso Português), deve apor-se no enunciado: «mate em 6». Não sendo assim, só estaria coerente pelo regulamento espanhol. Pelas nossas leis seria demoldo.

OVAR

Num ambiente de verdadeiro interesse, concluiu-se a primeira fase do Torneio de Preparação em «Damas» que nesta vila se vem realizando para disputa da «Taça Dr. Manuel Facheo Polónia». Ficaram apurados para a «Final» os seguintes concorrentes:

Série A: José Polónia Figueiredo, António Lopes, José de Oliveira Soares e Dr. João Fernandes Andrade Pais.

Série B: Mário Matos, Dr. José Carvalho da Silva, Manuel Pepulim e Joaquim Correia Dias.

Val iniciar-se a fase final, sendo evidente e grande a curiosidade pelas partidas que vão jogar-se e que prometem muitas surpresas. Finda esta competição, iniciar-se-á o Campeonato local, desta interessante modalidade, que este ano será disputado em duas categorias, disputando-se quatro taças e dez valiosas moedas.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora (Continuação)

Dividiremos as casas em: casas conjugadas, de intersecção e de rincão.

Casas conjugadas são as que, se considerarmos os circuitos como verdadeiras elipses, são diametralmente opostas. Assim, por exemplo, no 2.º circuito a 8 e a 25 e a 12 e a 21 são conjugadas. Para melhor compreensão são conjugadas as que, voltando o tabuleiro, se substituem, ou ainda melhor, as que somadas dão 33. Por exemplo: a 1 e 32, a 7 e 26, etc.

São casas de intersecção aquelas onde se cruzam dois circuitos, por exemplo, a 15, 18, 11 e 22 são as de intersecção do 2.º e 3.º circuitos; a 23 e 10 do 1.º e 4.º, etc.

São casas de rincão da margem do tabuleiro. Assim, são de rincão, do 1.º circuito, a 1 e 32; do 2.º, a 4, 8, 25 e 29; do terceiro, a 2, 9, 24 e 31; do 4.º, a 3, 16, 17 e 30.

(Secção portuguesa)

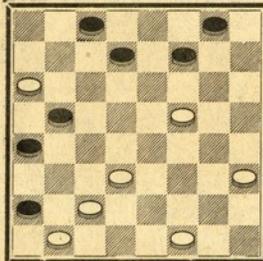
JOGO N.º 11

(Jogo disputado numa das salas da secretaria do Sport Lisboa e Benfica entre Luís António David (Sporting Clube de Portugal) e Joaquim Nicolau (Sport Lisboa e Benfica).

Abertura: 2-3.

(David)	1.º	(Nicolau)	23-19
12-15	2.º	21-18	
8-12	3.º	19-10	
10-14	4.º	25-18	
5-21	5.º	18-14	
6-10	6.º	24-20	
10-19	7.º	22-8	
15-24	8.º	28-23	
11-14	9.º	32-28	
1-5	10.º	23-20	
5-10	11.º	28-23	
7-11	12.º	20-16	
10-13	13.º	23-19	
3-7	14.º	27-20	
14-23	15.º	30-27	
13-18			

Posição do jogo ao 15.º lance das pretas:

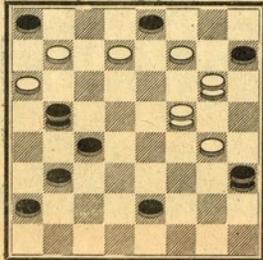


9-13	16.º	26-12
18-21	17.º	22-18
13-22	18.º	27-18
21-26	19.º	29-22
11-15	20.º	20-11
7-21	21.º	16-12
21-25	22.º	12-7
4-11	23.º	31-28
24-31 (Dama)	24.º	8-4 (Dama)
31-9	25.º	4-14

Empataram.

PROBLEMA N.º 2

Por: António Eduardo Igrejas (Melgaço)



Jogam as brancas e ganham.

27. 13/12

Uma notável reconstituição de Stuart de Carvalhais



O notável artista Stuart de Carvalhais dá-nos mais uma prova exuberante do seu talento nesta reconstituição do recente desastre da estação ferroviária de Campanhã. Como a imprensa então noticiou a caldeira de uma locomotiva, depois de explodir, foi projectada a cerca de 150 metros, provocando, além de grandes prejuízos materiais, a morte de duas pessoas, ficando feridas muitas outras, algumas delas gravemente. Esse terrível desastre causou profunda emoção em todo o país

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844
Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27